

PERNAMBUCO



HALLINA BELTRÃO

RITA RELIDA

DOS MUTANTES À BANHEIRA
DE ESPUMA, UM ENSAIO
SOBRE OS 50 ANOS DA
POÉTICA DE RITA LEE

EM BUSCA DA PASSAGEM FANTASMAGÓRICA DE RUBEM BRAGA PELO RECIFE

COLABORADORES



Talles Colatino, jornalista, atua como editor do caderno cultural *Programa*, da *Folha de Pernambuco*.



Luís Fernando Moura, jornalista e mestrando em comunicação social pela UFMG.



Wellington de Melo, escritor e professor, autor, entre outros, de *O caçador de mariposas* (2013) e *Estrangeiro no labirinto* (2013)

E MAIS

Luís Henrique Pellanda, jornalista e escritor, autor entre outros, de *Asa de sereia* (2013). **Carol Almeida**, jornalista e colaboradora de várias publicações de cultura. Escreve no blog *foradequadro.com*. **Ricardo Domeneck**, escritor e crítico literário. Autor, entre outros, de *Cigarros na cama* (2011). **Caetano W. Galindo**, tradutor da edição brasileira mais recente de *Ulisses* (2012), de James Joyce. Os textos dessa edição fazem parte do seu primeiro livro, *Ensaio sobre o entendimento humano*, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura na categoria Contos. **Diego Raphael**, doutor em teoria literária e tradutor.

CARTA DO EDITOR

Desde o seu início, o **Pernambuco** sempre procurou ver a literatura para além da cerca da ficção. Pensamos em literatura de uma forma mais ampla: a palavra tensionada, causando ecos, reflexões, curas e danos. Por isso, nada mais justificável que pensarmos na poética de uma das maiores estrelas da cultura pop brasileira, Rita Lee, artista que comemora este ano 50 anos de carreira e que, por suas letras (ou seja: palavra tensionada), ajudou o Brasil a se compreender e a se questionar melhor. Dos tempos sombrios da ditadura militar, passando pela abertura política até os nossos conflitos mais recentes. Em todos esses períodos, Rita esteve lá, impávida.

“Havia poesia em Rita Lee Jones desde a sua primeira imagem pública: o nome americano, cabelos ruivos, olhos azuis, tentando entender o que era o rock ‘n roll num Brasil que começava a dispersar qualquer conceito de identidade. Contradições que escorriam por entre sardas de um rosto angelical e marginal (‘roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido’), sumo primário de um suculento fruto proibido que adubou uma preciosa obra autoral da música brasileira”, atesta o jornalista Talles Colatino, no ensaio de capa desta

edição. Rita, há pouco, lançou seu primeiro livro, o *Storynhas*, em parceria com Laerte, reunindo os textos que escrevia para o seu perfil no microblog do Twitter.

Ainda nesta edição, uma reportagem especial do jornalista Luís Fernando Moura sai em busca da temporada do escritor Rubem Braga pelo Recife, que contou com inúmeras passagens pela polícia e por uma atuação na imprensa local. “Os vestígios da produção de Braga no Recife esboçam a genealogia de uma conversão: de bom moço a extremista perseguido. Os dois únicos textos assinados que deixa no Diário durante o período de sua estadia, embora escritos ainda no Rio de Janeiro, dão sinais de um engajamento afetivo na vida ordinária – que pouco depois cruzaria o caminho da sensibilidade comunista emergente no país”, aponta a reportagem.

Como estamos às vésperas do Carnaval, o **Pernambuco** traz um especial de crônicas carnavalescas, mostrando duas visões bem distintas da festa mais popular do Brasil, escritas pelos jornalistas Luís Henrique Pellanda e Carol Almeida.

Bom Carnaval e até março.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador

Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil

Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente interino

Bráulio Meneses

Diretor de Produção e Edição

Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro

Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)

Lourival Holanda

Nelly Medeiros de Carvalho

Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO

Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO

Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE

Hallina Beltrão, Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)

Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA

Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE

Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Gilberto Silva

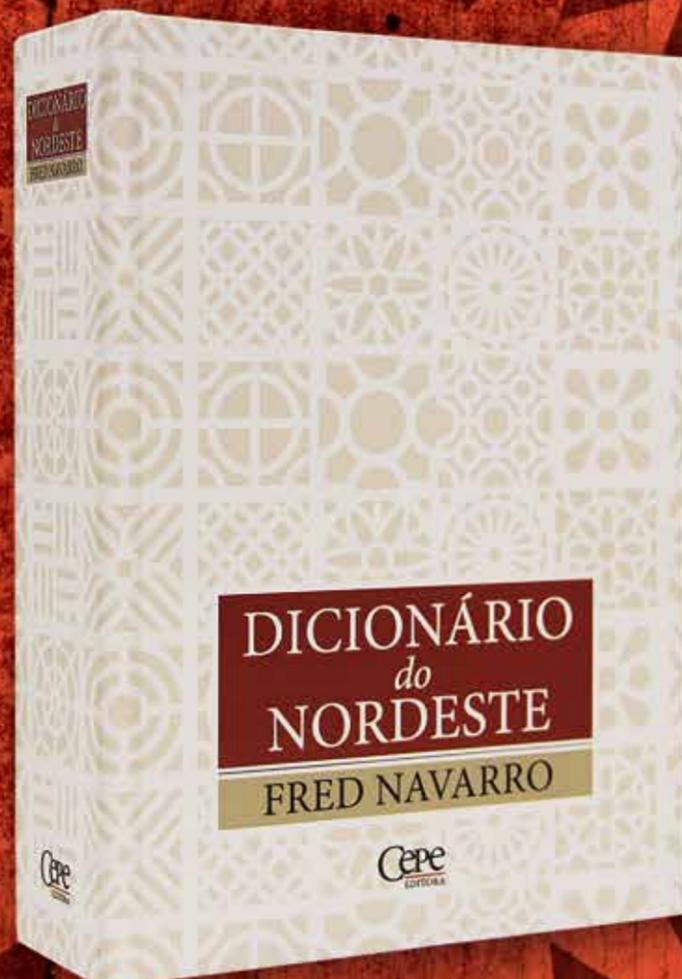


PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

VOCÊ SABE O QUE É
UM ABILOCIL?
UMA BALDROCA?
UMA CACERENGA?
UM DEBO?
UM EMBELECO?
E UM FIFÓ?

PASSE O GRAU NESTE LIVRO
E FIQUE POR DENTRO!



Cepe
EDITORA
www.cepe.com.br

BASTIDORES

A ficção não é uma simples reflexão da vida

O autor estreia agora na ficção com um livro que levou quase sete anos para ficar pronto. Nesse texto, ele cria uma metanarrativa sobre a criação da sua obra

KARINA FREITAS



Wellington de Melo

7. É que você só conhece uma cidade quando se perde nela.

1. Projeto. Autobiografia em excesso me tira o tesão de ler e escrever. Se for assim, parte da experiência da escrita descamba na egolatria. Há quem sinta barato em fazer da ficção apenas um reflexo de sua vida. Eu não.

6. Uma mulher de pele muito negra, de uma beleza profunda e cegante, pergunta algo a um garçom e desaparece na noite. Ímãs de geladeira, miniberimbaus, mesas da Skol, som de tambores. Seguimos descendo. Tambores. Um bloco que ensaiava sobe em nossa direção. Decidimos voltar.

2. Prancheta. No desenho do *Estrangeiro no labirinto*, que chamo de romance por preguiça, me era importante que os personagens tivessem pouco de minha visão de mundo, que me fizessem exercitar a alteridade. Há um juiz pedófilo e homofóbico obcecado por um livro misterioso, uma prostituta viciada em crack presa em um quarto e ouvindo vozes ditar a história de um matador de aluguel que volta à casa dos pais, assassinados anos antes, decidido a abandonar a vida do crime.

5. Pensei estar no Largo do Pelourinho. “Não é, não lembra do clipe de Michael Jackson?”, diz Manu. Lembro de um Michael muito branco com cara de mau saltitando, meninos com tambores coreográficos, mas a paisagem é um borrão. “O largo é lá pra baixo, por aquela ruazinha”, diz um bêbado. Lembro do recepcionista. Descemos.

3. Esquadro e compasso. Construir as vozes das personagens exige dar-lhes uma carne de linguagem. A voz do juiz é fragmentária, dúbia e contraditória. Cheia de imprecisões que se revelam falseamentos. A prostituta não escreve no português padrão. A dificuldade foi evitar a pantomima, o humor. Não era isso: é uma narrativa dolorosa e grave. Como representar uma poética de alguém com uma vivência profunda, mas com educação formal precária? Trata-se de uma recriação, não de uma imitação de uma voz marginalizada.

4. Outra praça, ampla, chafariz desativado no centro. Quatro figuras seminuas enclausuradas em ferro sobre uma base de mármore com latas de coca e bitucas de cigarro no lugar de água observam o movimento. Acima, uma deusa Ceres enferrujada ignora o efeito da cevada, do lúpulo e do milho fermentados nos

turistas coloridos. Numa viela, um grupo compartilha um cachimbo de crack debaixo de um poste apagado. O abismo é o desejo de pular.

4. Argamassa. Universos paralelos, tarô, cabala. Jung deu um toque com a jornada do herói e arquétipos. Brian Greene (*O universo elegante*) me fez ver poesia na física quântica. Klester Cavalcanti (*O nome da morte*) me aproximou da realidade dos matadores de aluguel, que entortei. Papus, Aleister Crowley e Eliphas Lévi, me ajudaram com luz e sombras.

3. As pedras das ruas: cascos de tartaruga. Tropeçamos por praças inundadas de gente. Uma viatura parada sem motorista com giroflex azul ligada. Policiamento turístico, impresso na lateral. Casais abraçados nas sombras, salpicados pela luz intermitente, carne de mulheres com roupas curtas em bancos solitários. Os cascos de tartaruga se prolongam por ruelas e serpenteiam escuridão. Tentação de descer. Resistimos.

5. Tijolos. Eco (*O pêndulo de Foucault*) e Calvino (*O castelo dos destinos cruzados*) me mostraram que caminho não queria trilhar ao usar a cabala e o tarô na estrutura do livro. Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo*) e Sapphire (*Push*) me ensinaram a poética possível para a personagem da prostituta. Nabokov (*Lolita*) me fez evitar criar um pedófilo plano com os clichês de *Jornal Nacional*.

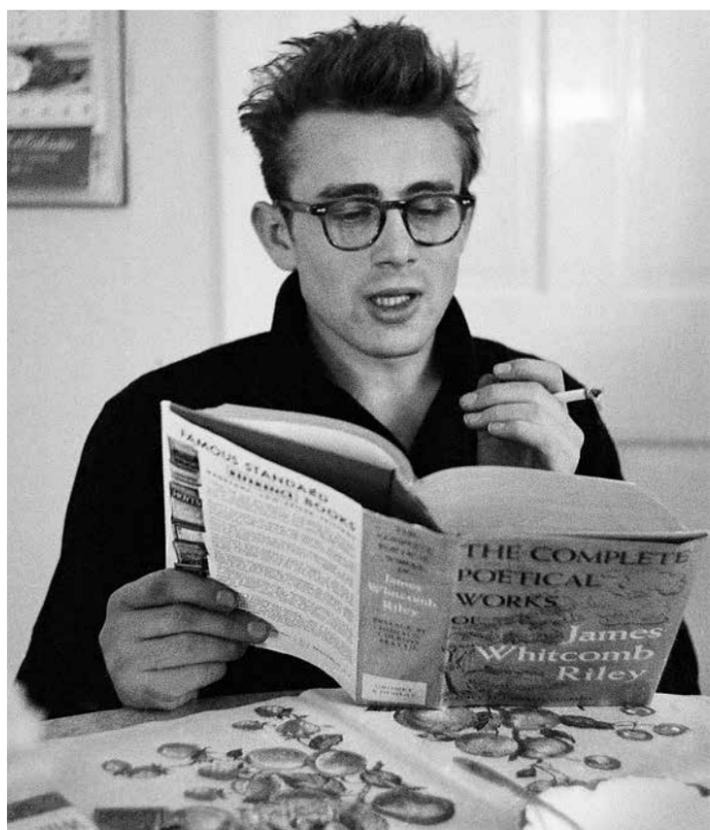
2. “Siga pelas ruas principais, é cidade grande”, fala o recepcionista. Quis dizer evite as vias vicinais, ruelas, desvios, há perigo por ali. Aceito o conselho e desço até a rua.

6. Pedreiro. A voz do matador é a mais complexa, porque é feita de silêncio. É oculta por todo o romance e o leitor só a percebe nas entrelinhas do discurso indireto livre através do filtro da voz da prostituta e de outros narradores esporádicos. No único momento em que aparece, é de uma limpidez surpreendente, talvez porque siga num sentido oposto às duas outras vozes principais. Fosse ele o narrador único, o romance seria linear e claro. Mas estaríamos num corredor, não no labirinto.

1. O táxi dá mais voltas que o normal. Estou sendo enganado, mas me resigno à minha condição de estrangeiro.

7. Vontade. Depois de sete anos de trabalho, o resultado ainda me parece incompleto. Mas não é sempre assim? O livro, no final, é uma alegoria de uma alegoria: somos o labirinto, nós mesmos incompletos, tentando fugir da dor, mas esbarrando nela a cada esquina de Cossos.

James Dean (1931-1955), ator. Imagem do site www.jamesdean.com.



CRÔNICAS

KARINA FREITAS

Fantasia curitibana

Luís Henrique Pellanda

1 Chega. Saio da farmácia e abro o guarda-chuva. Vou pra casa, meus comprimidos já no bolso. É domingo, a noite é feia, e me sinto mal, enjoado, meio surdo. A Boca Maldita tão quieta, não se escuta voz alguma, será o fim? E este vento que não canta, a garoa que engrossa, mas não sabe batucar? Melhor assim, minha cabeça até agradece – valeu, silêncio. Subo a Muricy me achando um homem de sorte. Nada de carro na rua, moto nenhuma, os motores afogados e um asfalto que é só água, nuvens que descem ladeiras, encorpando o esgoto. Curitiba alagada de céu, cortada de rios noturnos, fico à espera de teus gondoleiros. Venham nos remar, é carnaval aqui também, e todo mundo promete despir suas máscaras, tirem as crianças da cidade, tirem.

2 Ainda na Muricy eu a encontro, estacionada com capricho. Uma carruagem branca, de frisos dourados e rodas partidas. Não, não há cocheiro por perto, e da parelha que a puxava só resta um dos cavalos. Preto, narinas vermelhas, olhar de louco, duas bolas de pingue-pongue pintadas. O que houve com o outro bicho, não perguntem, já estamos no lucro. O que sobrou está ali, sendo abraçado por uma velha, o nariz dela colado ao focinho dele. Encharcada, a mulher mete as unhas no pescoço de isopor do animal, por pouco não

arranca sua cabeça emplumada, é paixão demais. Risonha e bruta, ela ainda cochicha pra ele: Você é lindo, você é lindo. Quando me vê, quer saber o que acho: Não é a coisa mais linda? Que você já viu? Não é a coisa? Não digo nem que sim nem que não, nunca fui especialista em beleza.

3 O vento fica sério, as palmeiras da Biblioteca Pública se curvam, algumas folhas se desprendem e decolam, parecem vassouras voando entre os velhos edifícios, que bruxa vai cavalgá-las? Desequilibrado, um zumbi se abraça a uma das árvores. Ele está um trapo, a maquiagem rubro-negra borrada, um rosto horrível, aquela cara de vela usada, tudo desfeito pela chuva. Triste, vem falar comigo, mal consegue andar. Me estende as mãos e a água pinga suja da gaze em seus dedos. Seu hálito é puro vinho: Me ajuda, por favor. Ele fala, e fede, e quase chora, uma vergonha: Me ajuda com a passagem.

4 Na esquina, o diabo atravessa a rua sem olhar pros lados. Desce a Ébano Pereira aos pulos, rindo alto, qual a graça? A capa esvoaçante, o tridente feito lança, como se caçasse almas. Pra que a pressa? Não sou eu quem vai perguntar. Retardo o passo, deixo que o diabo suma de vista, prefiro evitá-lo. Ele chispa rumo à Boca, desviando das poças d'água, a cauda relampeando de purpurina. Ouço sua última gargalhada lá longe, a chuva enfim barulhenta, graças a Deus, e agora

é a minha vez de pegar a Ébano. Começo a subir a rua, mas dou azar, sou detido por um bando de travestis de penacho. Esbaforidos, dizem perseguir um fugitivo, a dificuldade é grande, um perigo aquele *petit-pavé* molhado, as plataformas inseguras. São quatro caras, todos louros platinados e de lentes azuis, só de calcinha e sutiã, e um deles, bem nervoso, pintinha sobre os lábios vermelhos, me pressiona: Você viu o demônio? Viu? Eu digo que não, que demônio o quê, o que é que ele tem? E o outro, com ódio: Ele tem aids.

5 Diante do meu prédio, não é que um sapato quase me atinge? Ele cai bem do meu lado, nem sei de onde veio. Na verdade é uma sandália de salto alto, prateada, com longas tiras de couro, acho que de ótima qualidade. Afasto o guarda-chuva e olho pra cima, a testa doendo ainda mais, os comprimidos no bolso. Levo um susto. Da marquise, a um metro de mim, se debruça um anjo. Cabelos de ouro alisados, um conjunto impressionante de acessórios, e unhas, e pupilas, e dentes que brilham à noite. Apesar do aguaceiro, ele está seco, e suas asas perfumadas se movem devagar, lembram o rabo de um gato em repouso. O anjo me pede, num timbre de passarinho: Alcança a sandália pra mim, por gentileza, ela caiu, olha. Vejo seu pé descalço balançando no ar sobre minha cabeça, um pé que cheira a óleos e incensos, que suplica por um beijo, e finjo que não é comigo. Se quiser a sandália, ele que desça e venha buscar.

6 Chego bem a tempo, a chuva já virou temporal, me safei. Na portaria, dou boa-noite ao porteiro. Ele assiste a um desfile na tevê portátil, o samba-enredo fala de amor e liberdade. O prédio está frio, e a noite de carnaval promete ser comprida. Chamo o elevador, ele demora a surgir. A porta se abre e, lá dentro, vejo uma menina de oito ou nove anos e o assoalho coberto de confetes. Ela está de pijaminha rosa, batom preto, chinelos de dedo. Carrega uma foice de plástico da minha altura. Penso que é hora de criança estar na cama, onde é que já se viu, quem é você, cadê teus pais? Pergunto a ela: O que é que você tá fazendo aqui? E ela, uma graça, sorrindo: Eu tava só te esperando.

7 Entro no elevador, a menina nos fundos da cabine. Aperto o doze e a porta se fecha. Ouvimos um estouro na rua, eu tomo outro susto, decerto é um raio, digo a ela, e dos perigosos. Uma explosão maior e, de repente, cai a luz do prédio, o cantor emudece na tevê, a bateria se desintegra e já era a liberdade, o amor ninguém viu, deixamos o samba morrer, como é que pode, não levamos jeito pra alegria, perdão, domingo de carnaval em Curitiba é sempre assim. É o escuro desta caixa fechada, a mudez dentro dela, esta menina que não quer dormir, os comprimidos sem receita, o guarda-chuva pingando no chão, a água dissolvendo o confete, a lama de papelão sob nossos sapatos, e a presença invisível – invisível, mas gelada – de uma foice.

Olinda, peço que você me espere

Carol Almeida

São tempos difíceis para ser romântica. O mundo lá fora gritando urgências, decisões políticas da pessoa pública e privada, engole logo esse café que tem uma pilha de coisa pra resolver, chove lá fora e eu deixei a janela aberta, carteira de habilitação pra vencer, versos de autoajuda pintados no muro, faça isso, ame aquilo, odeie seu ódio, sinal fechado, e não abre, não abre, primeira marcha, um pé na embreagem e o outro no freio, não abre. É por isso que eu quero falar do Carnaval. Do Carnaval em Olinda e no Recife. Preciso conseguir lidar com o jogo das demandas e recusas do mundo e resgatar algum tipo de romantismo na humanidade.

Nas convulsivas ladeiras vou me benzer e me incriminar. Sagrado e profano no mesmo corpo em nome do caos tão subjugado às ordens e aos sistemas. Preciso da ladeira da Sé atulhada de gente para me lembrar que no meio dessa euforia de sobreviver existe o arrebatamento de viver em euforia. Careço do pandemônio e de jogar tudo pro alto (confetes, serpentinas e animosidades) e deixar as coisas em suspenso. Mas entendam, não quero falar do Carnaval-solução, da válvula de escape. Pois Carnaval, ao menos esse que eu conheço, devia ser o caminho. É por onde nós precisávamos estar passando neste momento, todos os dias, todos os meses, todos os anos.

Há quem diga que o evento só é bom porque dura pouco e acontece apenas uma vez a cada ano. Pois eu proponho um debate sobre viver em folia pelo resto dos momentos que ainda cabem a 2014. Não quero com isso dizer que deveríamos todos esquecer das questões que

precisam ser discutidas, dos problemas a serem resolvidos ou de abjurar tudo que é sério. Pelo contrário. É de seriedade que falo.

Certa de que a sanidade está no devaneio e no delírio, sei que o Carnaval é esse jeito torto – ainda bem – de meditar no berro sobre ser mais sincero com as nossas próprias urgências e insurgências. O mundo pode esperar enquanto você dá um beijo de boca em causa própria. E no meio de uma multidão que, entre o Zé da Cachaça e a V. Ex.ª Sr. Dr., estão cheios desse tipo de demanda, há de se aprender algo com a energia positiva.

Posso assinar o compromisso em cartório: garanto que se todo esse mói de sete bilhões de pessoas se deixasse ser vencido pela catarse de estar junto na lama ou no lança-perfume pela simples razão de não precisar ter razão, teríamos menos muros, grades e varandas *gourmet*. E se elas entendessem que o Carnaval não precisa ser somente a fuga, mas sim um movimento social, uma ideia e ideologia, aí meus amigos, seríamos capazes até de resolver a Fome. E falo especificamente desse Carnaval de Olinda e do Recife, porque é nele que vejo acontecer o maior rolezinho em linhas curvas da América Latina. Identifico na bagunça da traça que se mistura ao baque virado que cruza com o frevo de bloco a ritualização de um caos produtivo, criativo e pulsante. É uma multidão de desejos à flor da pele. Os gregos escreveram e a gente esqueceu. Que o Caos sempre foi a primeira forma de consciência divina.

Fico pensando então na mulher que foi à praia, abriu os braços diante do mar e, nesse momento, morreu atingida por um raio. Podia ser o começo de um romance. Mas aconteceu este ano em Guarujá, São Paulo. Ela não tem nada a ver com o Carnaval. Mas tem tudo a ver.

Poetizo sua morte. Existem muitos elementos bonitos na partida. Não tenho informações sobre como viveu seus trinta e poucos anos. Mas tendo em conta que ela abriu os braços justamente antes de falecer, vejo nessa dramaticidade uma redenção semelhante àquela de quando achamos que os três, quatro, cinco dias de gozo podem salvar nossa vida do tédio. Não salvam. É preciso abrir os braços diante do mar, da rua e até mesmo do cimento. Pirar coletivamente na praça ou no shopping. Sempre que for (im)possível. Ou melhor, estabelecer o desvario e a êxtase como prática diária. Ver o mundo através dessa fantasia para negociar a realidade sem dureza.

Faço minhas as palavras do diretor fictício que fala em nome do diretor real de *Tatuagem*. Um filme, essencialmente, sobre essa necessidade antropológica e política do Carnaval como um caminho e não apenas como um fim em si mesmo:

“A porta para o futuro foi escancarada por experiências contínuas. E quando todos os jovens estiverem velhos e todas as dores estiverem contidas, estamos no futuro. Estamos dando um rolê no futuro com aquilo que o ‘homenino’ vai ver e trazer até nós. Trazer as cicatrizes que caminharam até tão longe. Cicatrizes. Bola de cristal. Com quantos olhos vamos nos desvigiando depois de abolido o sexo? Pergunta o argonauta tonto e envelhecido. E só restará um símbolo que representará a igualdade. Paraíso. Paraíso. E a heráldica da pobreza terá sido varrida pra baixo das ideias mesquinhas, das divisões comuns.”

Pois então vou ali dar um rolê na confusão do presente porque, já diria o homenino sabido, desorganizando posso me organizar. Bandeira branca Olinda, eu peço que você me espere. Porque este ano tou chegando.

ENTREVISTA

Beatriz Bracher

Uma autora em busca de novas formas narrativas

Uma das vozes mais singulares da literatura brasileira contemporânea, a autora paulistana comenta o processo do seu novo livro, a coletânea de contos *Garimpo*

FOTO: FRANCISCO PEROSA / DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

Apesar de escrever ficção desde a adolescência, foi somente aos 41 anos que a paulistana Beatriz Bracher publicou seu primeiro livro, o romance *Azul e dura* (2002). Bracher conta que talvez lhe faltasse coragem para publicar, para considerar sua escrita parte de algo que tinha tamanha importância para ela, a literatura. Hoje, doze anos e cinco livros após sua estreia, a autora é considerada dona de uma voz perturbadora e intensa, e uma contista em permanente experimentação.

Ao passo em que seus personagens questionam a insuficiência da linguagem para

dar conta de suas histórias e sentimentos, Bracher a explora, ao lado de diferentes formas e registros, justamente em resposta a esse desafio: “As formas narrativas diferentes que uso nos contos me possibilitam inventar histórias que só poderiam ser contadas dessa maneira”, explica sobre seu novo livro, *Garimpo* (Editora 34), que reúne contos escritos e publicados entre 2009 e 2012.

Na entrevista a seguir, a autora fala sobre seu processo de escrita, o trabalho como romancista e contista, narrativas cuja linguagem acompanha personagens fragmentados e em crise, e o novo livro, premiado ano passado pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

“Garimpo”, conto que dá título à coletânea, é o diário de viagem de uma escritora a uma área de exploração de ouro no Pará, viagem que você mesma realizou. O que veio antes: a ideia para o texto ou a viagem? De que forma a experiência real afetou a escrita, e como a literatura afetou essa experiência?

Eu iria visitar esse garimpo antes de qualquer ideia literária, por motivos afetivos, como o da narradora do conto. Mas ficava sempre adiando a viagem. Então veio a possibilidade de uma encomenda para escrever um romance que se passaria em Belém. Foi o motivo que arrumei para me decidir a fazer a viagem, já iria conhecendo o Estado. O diário, que realmente fiz, tinha a intenção de anotar coisas para que me lembrasse mais tarde e, eventualmente, pudesse usar no tal romance. É um tipo de escrita muito diferente da que tenho nos diários que costumo a manter no meu dia a dia e nas viagens “comuns” que faço. Nesse sentido, o diário já nasceu não literário, mas como texto de trabalho. O tal romance não foi encomendado e, por outro lado, o editor da revista *Granta* me encomendou um conto. Estava envolvida na escrita de um roteiro, não podia parar, e queria atender a encomenda, pois admiro muito esta revista. Digitei todo o diário da viagem exatamente como o escrevi. Então acrescentei a introdução, ou seja, a morte da escritora. Apenas isso já mudava quase tudo. Depois suprimi alguns trechos, modifiquei outros, reli, reli, entendi o que havia de interessante ali dentro como literatura e fui mudando mais algumas poucas coisas. Diria que o fio principal tem a ver com o envolvimento dela, bastante perdido e sincero, com o irmão e a natureza. O tom de normalidade e ameaça, de familiaridade e estranheza. E o fato de sabermos que ela irá morrer paira sobre a leitura, por isso a modifica bastante. Essa ameaça e esse amor foram coisas que eu efetivamente vivi na minha visita, junto com muitas outras. Para a literatura, foi o veio que me pareceu mais interessante.

“No conto, de fato, eu me sinto mais livre para experimentar, mas não necessariamente eu acerto mais

“Acho que o interessante é o que não existia antes de o leitor ler aquela história ou mesmo ver aquela fotografia

Você afirmou que considera o conto “mais elevado” que o romance, e que só foi capaz de escrevê-los quando sentiu que tinha um “treino maior, quase muscular, de escrever ficção”. Atualmente, que desafio o conto lhe coloca?

Você se sente mais livre nesse gênero, onde a crítica aponta uma experimentação da linguagem e da forma mais forte em seu trabalho?
No conto, de fato, eu me sinto mais livre para experimentar, mas não necessariamente eu acerto mais. São trabalhos de linguagem completamente diferentes dos romances, que, do ponto de vista formal, se parecem bastante entre si. As formas narrativas diferentes que uso nos contos me possibilitam inventar histórias que só poderiam ser contadas dessa maneira, sinto como se fossem blocos mais compactos de narrativa, uma história mais “coisa”, e isso me agrada. Não consigo imaginar a história de um romance dessa maneira, que pedisse um formato assim “coisa”.

Os contos “Garimpo” e “Para um filme de amor” fornecem o mínimo acesso direto e descrição dos personagens; somos atraídos pelo que não está escrito: tentamos descobrir quem escreve o roteiro e com quem ela dialoga a partir do próprio esboço do roteiro, e quem seria a narradora de “Garimpo” através de suas anotações de viagem. Como trabalha a construção dos personagens no conto?

As personagens-narradoras dos contos “Garimpo” e “Para um filme de amor” são parecidas, poderiam ser até a mesma, ambas são mulheres e escritoras, não seria inverossímil se tivessem a mesma idade, parecem ter a mesma formação cultural e ser da mesma classe social. Isso tudo a gente consegue presumir pelas palavras que usam, a maneira como a narradora de “Para um filme...” se dirige ao diretor e como Adriana Mendes faz os registros em seu diário, em “Garimpo”. Apesar de estruturas narrativas muito diferentes, e uma se referir à montagem de um roteiro, ou seja, à criação de uma história de ficção, e a outra ser o registro de vivências pessoais, conseguimos descobrir várias características semelhantes entre essas mulheres que não estão ditas nos textos. Mas eu não pensei nelas antes de escrever. Elas foram se formando a partir da história. Pois o que interessava aqui era menos a personagem da narradora e mais como a forma de contar a história e a história propriamente dita iriam se montando juntas. Contar a história, que é, também, o assunto desses contos, é um movimento envolvente em si mesmo, além da própria história. Queremos saber todos os elementos que compõem esse universo, pois tudo passa a ser personagem. Em um romance eu sei muito mais do personagem do que o que está escrito. Do personagem do conto eu sei muito menos do

que o que está escrito. Mesmo assim, depois de escrito um romance, às vezes um leitor me conta uma coisa sobre um personagem que eu não sabia.

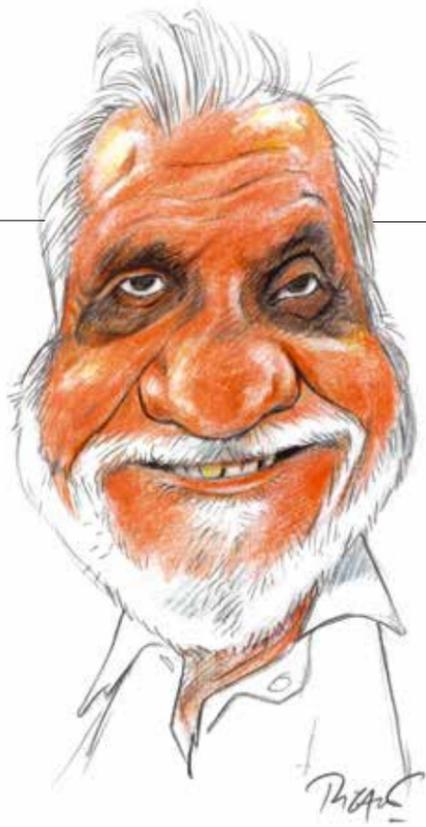
Uma das características mais comentadas sobre seus livros é a intensidade. Ao mesmo tempo, você destaca, do seu processo de escrita, a edição do texto. De que maneira emoção e intensidade se relacionam com o processo cerebral de edição?

Não penso que, para mim, a intensidade tenha a ver com espontaneidade, e sim com concentração. Normalmente acontece de a primeira escrita ser descuidada, e isso resulta em um texto pouco pessoal e muito social, daí sua falta de densidade, sua característica mais diluída, pois acredito que quando escrevemos envolvidos com nossas próprias histórias estamos ainda entregues às censuras e costumes da fala diária. No trabalho de edição é que consigo entender o que há de original, no sentido de específico, no que escrevi, e a partir desse fio desenvolvo a história que me interessa e que julgo ser interessante também para os outros. Para isso preciso estar como que “limpa” de toda espontaneidade, de todo sentimento de responsabilidade entre mim e o mundo, e me colocar frente à frente apenas com o próprio texto, o já escrito e o futuro. A carta de amor de uma adolescente completamente apaixonada por seu namorado,

tão apaixonada que se ele não responder em um dia ela talvez se mate, poderá ser, se lida sem que a gente conheça sua história, uma carta aguada, boba. Quer dizer, o que faz a intensidade da coisa escrita não é a história que a gerou, nem o estado do coração de quem a escreveu. O trabalho de edição dos meus textos me é, em geral, mais prazeroso e exaustivo do que o da primeira escrita, sendo que, nesta segunda etapa, escrevo incomparavelmente menos do que escrevi antes. Prazeroso porque mais autoral, já tenho ideia de para onde estou indo, raramente tenho paradas longas sem saber o que estou fazendo, e exaustivo porque me envolvo muito, descubro do que trata aquele livro, às vezes são coisas difíceis para mim, fico emocionada.

Em determinado ponto de “O que não existe”, uma pesquisadora se dá conta de que não há nada a se decifrar, não há enigma nenhum nas fotografias que estuda para sua tese: “Os mistérios que ela possa criar naquele quarto serão dela e não da fotografia”. Seus contos, que frequentemente passam a sensação de que “não fecham” ou suprimem muito, operam como essas fotos, sendo “acionados” mais pelo que o leitor coloca neles (pelo que não existe) do que pela história em si? E o que dizer então da intenção do autor?
Acho que o interessante é o que não existia antes de o leitor ler aquela história ou ver

aquela fotografia. Interessante para aquele leitor. Claro que uma história não contém infinitas possibilidades, dependendo do leitor. A leitura não é capaz de criar qualquer livro. Existe um campo que o livro delimita dentro do qual a arte irá acontecer quando for “apreciada”. Esse campo existe antes de qualquer leitor, está lá, pronto assim que o livro terminou de ser escrito, antes mesmo de ser impresso, ou surgir na tela. E nesse momento, quando ele terminou de ser escrito, a intenção do autor é letra morta, interessa ao biógrafo, ao historiador, ao amigo, mas, da maneira como eu entendo a criação que acontece no ato da leitura, a intenção do autor não interessa mais, morreu, é uma curiosidade. E uma grande curiosidade. Ocorre-me agora um bruxo que quer transformar uma donzela em uma ponte, mas a transforma em uma ponte. A ponte não tem nada de líquido nem de cantante, passa sobre a água. O que importa a intenção de quem a transformou? O erro do bruxo é uma boa história, e quem gosta de literatura adora boas histórias, a intenção do autor é mais uma delas. Muito diferente do que o leitor faz. É como se o leitor, ao ler o livro, criasse a cada vez uma nova ponte. Ele jamais poderá criar uma fonte, e menos ainda libertar a donzela, somente e sempre criará uma ponte, mas ele será o seu criador, recriador, e sempre, da sua ponte, da qual a intenção do autor não terá mais nada a ver.



Raimundo CARRERO

Uma prosa bela, densa e iluminada

Kazantzakis retorna às livrarias do Brasil com a sua obra mais forte e importante

Por uma destas trapaças do destino literário – naturalmente provocada pelos equívocos de nossa política editorial –, o grego Nikos Kazantzakis continua um desconhecido dos leitores brasileiros, apesar do sucesso mundial de *Zorba, o grego*, estrelado por Anthony Quinn, nos anos 1960, da adaptação de *A última tentação de Cristo*, exaustivamente exibida em cinemas brasileiros. Mesmo sua autobiografia *Carta a El Greco*, brilhantemente traduzida por Clarice Lispector e publicada pela Editora Artenova, do Rio de Janeiro, não tem merecido a devida atenção nos críticos nem dos leitores. Na década de 1970, a então poderosa Nova Fronteira publicou o romance *Os irmãos inimigos* – escrito em forma de diário – e todos continuaram dando as costas a este magnífico escritor, até por conta da literatura eminentemente política da época – denominada de esquerda ou de direita. A literatura no Brasil tem destas coisas – tudo é moda. E, infelizmente ou felizmente, Kazantzakis nunca foi moda.

Agora, a Grua Editora, de Carlos Eduardo Magalhães, restaura – apenas em parte – a dignidade do escritor grego no Brasil, publicando *O capitão Mihális – Liberdade ou morte* – uma das obras capitais deste ilustre desconhecido entre nós, com tradução, notas e posfácio de Sílvia Ricardino. No entanto, apesar de sua importância, a grande mídia nacional continuou a desconhecer-lo, apesar de algumas notas e breves resenhas em publicações nacionais. Ele merecia mais, muito mais. Em suas páginas desfilam personagens, histórias e situações decisivas e fundamentais. Talvez seminários e encontros onde se pudesse debater e analisar a importância de Kazantzakis no quadro da literatura mundial na primeira metade do atormentado século 20. É verdade que a obra é conteudística, mas é construída por um estilo forte, elaborado e cuidadoso. Belo, denso e iluminado.

A obra deste grande escritor trata, na maioria dos seus livros, das guerras entre cristãos e turcos na pequenina ilha de Creta, onde se respirava um “ar trágico”, “quando os turcos ainda a dominavam” e “começavam a ser ouvidas as ensanguentadas asas da Liberdade aproximando-se” na definição do escritor. Era política também, mas não a política maniqueista que interessava aos críticos brasileiros.

Mas, afinal, o que é o romance? “A história passa-se em Megalo Kastro, a capital de Creta, fronteira imaginária em Ocidente e Oriente, tendo como pano de fundo uma revolta que durou oito meses e foi sufocada pelo então dominador turco”, informa a tradutora Sílvia Ricardino no posfácio. Durante os sete meses em que trabalhou a obra o autor sentia-se sob forte emoção, conforme confessou depois aos amigos, porque revivia momentos dramáticos de sua gente e porque precisava ressuscitar mortos emblemáticos e queridos. Mesmo assim, dizia que nunca sentiu tanta alegria em escrever um romance. Para escrevê-lo, Kazantzakis inspirou-se na figura do pai, a quem ele respeitava e temia, além de revelar o caráter dos

REPRODUÇÃO



anciãos da antiga aldeia, cuja vida testemunhou nos primeiros anos do século 20. Os acontecimentos são quase todos verdadeiros e representam uma parte significativa da história cretense. A rua onde a história começa chama-se hoje Nikos Kazantzakis, reverenciando o seu mais notável escritor.

Ali, o escritor dá uma verdadeira aula de como se deve iniciar um romance, colocando o leitor imediatamente dentro da ação, através de um perfil físico-psicológico:

“O capitão Mihális rangeu os dentes, como costumava fazer quando a raiva o dominava. Despontou dentre os seus lábios o canino direito, que brilhou em meio aos bigodes negros. Com acerto fora apelidado, em Magalo Kastro, de capitão Javali: quando ficava

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

POESIA

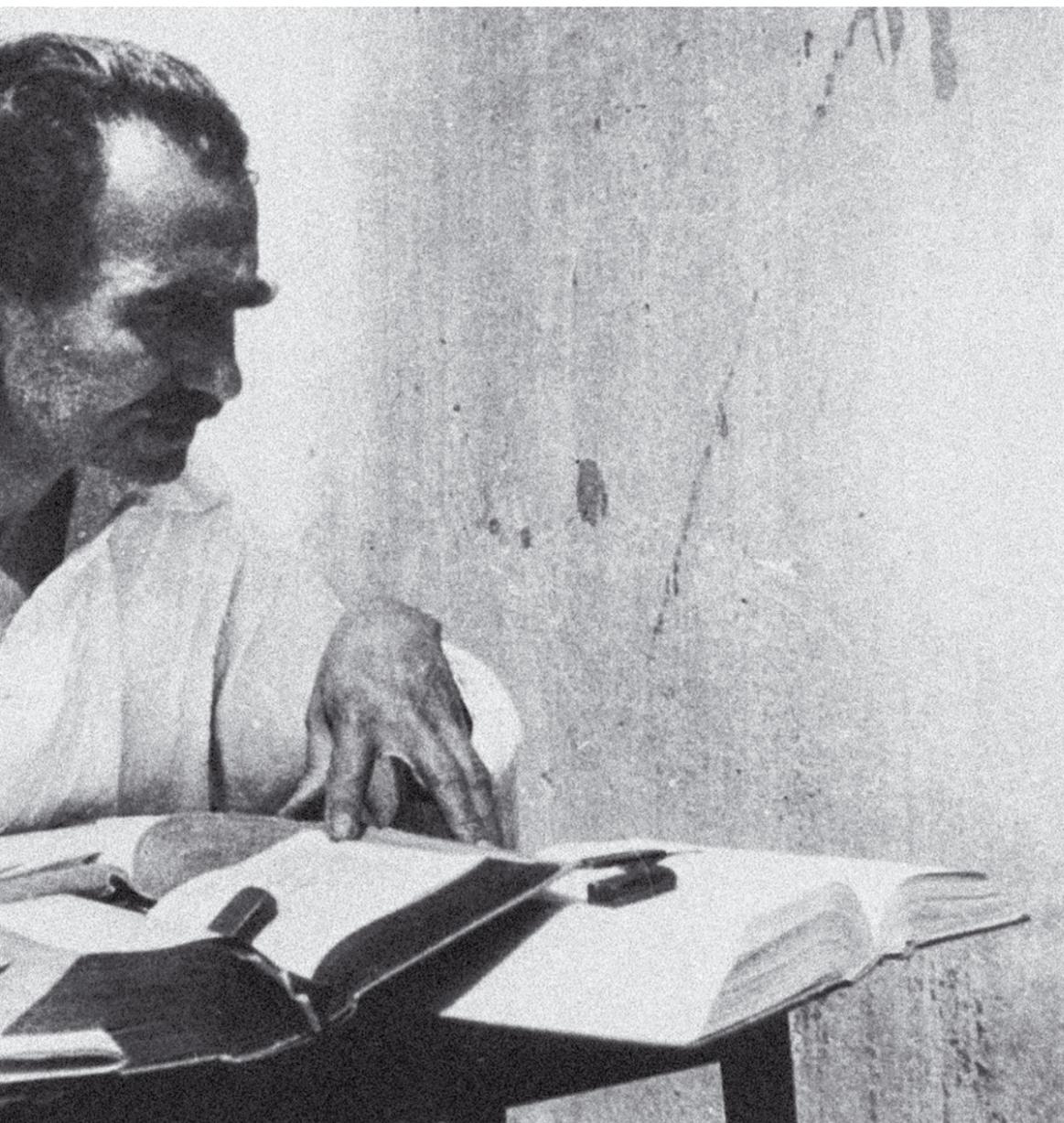
Editora carioca 7 Letras lança mais um livro de poetas de Pernambuco: *Ofício de sapateiro*, de Carlos Newton Júnior

A editora carioca 7 Letras, uma das pioneiras em 1990 no sistema de impressão por demandas, volta e meia tem publicado autores de Pernambuco (já editou três livros do cearense radicado no Recife Everardo Norões). Recentemente publicou *Ofício de sapateiro*, do recifense Carlos Newton Júnior (foto). Neste livro, o poeta reafirma uma característica difícil de alcançar (mas que se encontra

em toda sua obra): seus poemas mantêm não apenas uma mesma dicção quanto o mesmo nível de qualidade. A clareza quase clássica, aliada a certo coloquialismo, que vem de suas relações com a poesia popular, dão uma rara unidade ao livro. Pode-se começar a ler do começo, do meio ou do fim para o começo, sempre se encontrará poesia de boa qualidade, mantida para onde quer que se ande.

FOTO: DIVULGAÇÃO





irritado, com seus olhos profundos e escuros de breu, o curto pescoço rígido, a pesada robustez ossuda e seu canino a despontar, assemelhava-se verdadeiramente a um javali, que viu gente e escorou-se nas patas traseiras para arremeter. Vem em seguida, a definição exata do caráter: “Desde muito cedo, vivendo cada momento como estivesse prestes a romper uma contenda, suspeitávamos que neste mundo lutam duas grandes forças – o Cristão e o Turco, o Bem e o Mal, a Liberdade e a Tirania – e que a vida não é um brinquedo, é um combate.”

Segue-se o desenvolvimento da narrativa, com o capitão, simbolicamente, apresentando os personagens, sobretudo aqueles que terão um papel fundamental. De parágrafo em parágrafo, eles vão surgindo,

através de uma saudação ou de uma conversa rápida, mas informativa. Foi uma das primeiras lições que aprendi na arte de narrar, embora nada disso possa ser repetido – e é para isto que uma oficina serve. Tudo isso vai num crescendo até que o leitor esteja inteiramente seduzido pelo romance, é claro, através do seu personagem. É um texto tão bem elaborado que revela-se espontâneo, mas sabe-se que Kazantzakis precisou de três versões até chegar à montagem ideal. Escreveu durante quase dez anos, meticulosa e cuidadosamente.

Um livro, afinal, que deve ser lido com a mesma paixão com que foi escrito, porque o autor o considerava o seu romance mais importante e mais revelador.

CONCURSO

Revista abre concurso para publicação de textos

Com lançamento em abril, a revista *Vacatussa* abre seleção de textos para sua 5ª edição. Os interessados devem enviar os textos para o e-mail vacatussa@gmail.com até 20 de fevereiro. Serão aceitos contos e poemas de até 3 mil caracteres (com espaço). Os autores selecionados serão remunerados com R\$ 300. Este ano a revista *Vacatussa* conta com incentivo do Funcultura e irá publicar seis novas edições.

CRÍTICA

Publicado em 1931, livro de ensaios de Edmund Wilson, que fala de Eliot e Joyce, entre outros, continua atual

Lançado em 1931, o livro de ensaios do crítico literário norte-americano Edmund Wilson, *O Castelo de Axel (Estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930)* ainda é uma referência de peso. No Brasil a última edição é de 2004, pela Cia. das Letras. Escrito quando *Ulisses*, de Joyce, ainda estava proibido nos EUA por suposta pornografia e quando T. S. Eliot ainda era visto como um poeta sem

grande importância, Wilson salienta a qualidade destes autores, numa postura convicta e despida de pedantismos ou jargões acadêmicos. Ele elogia Joyce, mas também o critica, com a mesma autoridade. A certa altura chega a dizer: “Como Proust, Joyce tem pouco respeito pela capacidade de atenção do leitor”. O que pode vir a ser uma chave para uma das possíveis leituras de *Ulisses*.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. As páginas deverão ser numeradas.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Secretaria
da Casa Civil



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

HALLINA BELTRÃO



A santa padroeira das ovelhas negras

Há 50 anos, a poética de Rita Lee começou a deixar o Brasil menos careta

Talles Colatino

Rita Lee foi passear. Encontrou o amor e vários outros objetos pontiagudos. Entrou e saiu, subiu e desceu, somou e subtraiu. Calculou fórmulas e foi sua própria matemática ao longo de cinco décadas que se iniciaram em pleno estouro da ditadura militar no Brasil – o período mais confuso possível para receber uma das figuras mais contraditórias em persona e poética.

Afinal, havia poesia em Rita Lee Jones desde a sua primeira imagem pública: o nome americano, cabelos ruivos, olhos azuis, tentando entender o que era o rock 'n roll num Brasil que começava a dispersar qualquer conceito de identidade. Contradições que escorriam por entre sardas de um rosto angelical e marginal (“roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido”), sumo primário de um suculento fruto proibido que adubou uma preciosa obra autoral da música brasileira.

Suas mãos não estão mais frias: tem seu par, mas não possui pares. Foi rainha, santa, ovelha negra, maria-mole, Elvira Pagã, Luz del Fuego, Leila Diniz e todas as mulheres do mundo. Não é de se surpreender que nunca tenha existido mulher como

Rita Lee, mesmo porque nem ela talvez seja tão Rita Lee assim. Após 50 anos emulando imagens e sensações, deixa de ser uma pessoa ou mesmo um personagem: Rita Lee virou um estado de espírito. Como se a pessoa, a figura, em si, não bastasse: o que buscamos em Rita é o seu complexo ethos.

Rita Lee costurou choques de sua vida pessoal e seus interesses artísticos – e comerciais – para produzir um trabalho que cada vez mais se afasta de uma ideia (utópica, talvez?) de coesão. Em contrapartida, avançou por temáticas singulares ao longo de 30 álbuns gravados, sem contar compactos, discos ao vivo e coletâneas. Na sua poética, há humor e amor atravessando viadutos paulistanos que Oswald de Andrade jamais cruzou. A mais completa tradução, em discurso direto e indireto: para Rita, com o perdão do outro Andrade, amar é verbo intransigente.

NO JARDIM ELÉTRICO

Foi em 1963 que a filha do dentista Charles Fenley Jones e de Romilda Padula Jones, irmã de Mary e Virginia, viria a formar sua primeira banda: o trio Tee-



nage Singers, com mais duas colegas. O trio de boas cantoras viria a conhecer um trio, este só de garotos, de bons instrumentistas. A fusão do Teenage Singers e o Wooden Faces formou o Six Sided Rockers. Que virou O'Seis. Que com menos três virou Os Bruxos. Era Rita, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias. O ano era 1964, quando a história do Brasil começaria a contrair tensões criativas e os Mutantes, ex-Os Bruxos, iriam sugerir à arte brasileira uma ida ao spa. Terapia com pedras muito quentes.

A presença de Rita Lee nos Mutantes era uma espécie de catalisador: namorava Arnaldo Baptista, tido como o mentor da banda, ao mesmo tempo em que convergia para si os olhares curiosos sobre aqueles indivíduos fantasiados e amalucados. Não à toa, no primeiro disco do grupo, Rita foi a personagem-musa de uma canção que toma o seu nome e a imagem terna para elaborar uma narrativa lúdica sobre uma menina em busca do amor. Talvez o primeiro fotograma da vida de Rita, em letra assinada por ela, Arnaldo e Sérgio.

O primeiro disco dos Mutantes data de 1969 e imprime uma filosofia de cooperação que se traduz nos créditos oferecidos a todos os integrantes ao longo de quase todas as onze faixas, entre elas “Não vá se perder por aí” e “Fuga nº 2”, registros ímpares da forma como o grupo manifestava de

maneira vivaz a representação da juventude dos anos 1960 sobre temas como ansiedade (“Não tente dar um passo mais alto do que as pernas podem dar”) e esperança (“Hoje eu vou fugir de casa, vou levar uma mala cheia de ilusões”) através de metáforas fortes sobre o sentimento de realidade sitiada imposto pelo regime militar.

No entanto, chama atenção nesse disco a única composição de um membro d’Os Mutantes com um colaborador forasteiro: Rita assina com Tom Zé o rock-caipira “2001”, canção que sobreviveu ao longo de todo esse tempo no repertório dos dois artistas, dada a atualidade perene de versos de imagens líricas e tom cortante: “A cor do céu me compõe / O mar azul me dissolve / A equação me propõe / Computador me resolve”.

Com os Mutantes, Rita ainda gravaria mais quatro discos, entre 1968 e 1972. E neste intervalo, ladeada pelos companheiros de grupo, ensaiaria a guinada de seu voo solo com dois discos: *Build up* (1970) e *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida* (1972). O primeiro foi um projeto tocado por Rita e Arnaldo, que originalmente era o repertório de um show feito exclusivamente para uma edição da Feira Internacional Têxtil do Brasil, evento de moda realizado em São Paulo. O segundo álbum um disco puramente dos Mutantes, mas que ganhou apenas

Rita Lee nos Mutantes era um catalisador, que convergia para si todos os olhares curiosos para aqueles “malucos”

a assinatura de Rita pois o grupo já tinha lançado disco naquele ano e a gravadora não permitiu que gravassem outro.

Encarar esses dois discos tendo como ponto de partida a assinatura de Rita é um jogo de mostra-e-esconde: ao mesmo tempo que apresenta de forma equilibrada as doses de humor e filosofia que Rita imprimiria no seu projeto adiante (com destaque para “Viagem ao fundo de mim”, sua primeira composição solo e um das melhores de *Build up*), é difícil não enxergá-los como pilares experimentais para o que os Mutantes fariam num futuro próximo. Nada parece ser muito de Rita ali, se comparamos seus projetos futuros, ao mesmo tempo em que tudo parece ter outro peso e medida pelo fato da sua presença.

E foi justamente a presença de Rita no grupo que levantou os primeiros questionamentos sobre o futuro da banda: a cantora seria expulsa do grupo em 1972, ano do lançamento de *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida*. O argumento usado foi de que ela não teria o virtuosismo instrumental – além do vocalista, Rita atuava na percussão – necessário para fazer os Mutantes avançar pelo rock progressivo, novo interesse da banda. O fato é que atrelado a isso estava o fim do relacionamento de Rita e Arnaldo, o que explica muito mais o rompimento musical. Chegava, enfim, a hora de tratar da saúde.

DANÇAR PARA NÃO DANÇAR

“Nem sempre tem vento, mas sempre tem jeito pra dar quando se trata de vida ou de morte” e Rita driblou um período de depressão após a expulsão d’Os Mutantes ao se juntar com a cantora e guitarrista Lucia Turnbull para formarem a dupla Cilibrinhas do Éden, cuja única gravação, ao vivo, no festival Phono 73, foi lançada recentemente em edição não autorizada. E nele está cristalizado o início da fase áurea de sua carreira, num som que indicava através do folk e no, quem diria, rock progressivo, possibilidades para a artista se tornar um hit nacional por si só.

Mas como não gostava de andar sozinha – e foram pouquíssimos momentos em sua trajetória que isso aconteceu – tratou de se juntar com Lucia ao grupo Tutti-Frutti. O ano era 1973 e, com o grupo, Rita se permitiu explorar mais seus dotes musicais – além de cantar, tocava piano, sintetizador, gaita e violão. Apropriou-se da estética do *glam rock*, que tinha David Bowie como referência lá fora e os Secos e Molhados como par brasileiro. Chegava a hora de assimilar a máxima que validaria o período tenebroso após a saída dos Mutantes: atrás do porto haveria de existir uma cidade.

E a civilização se reerguia: o primeiro disco de Rita totalmente desapegada dos Mutantes seria o primeiro de um conjunto que sintetiza sua relevância poética enquanto compositora. *Atrás do porto tem uma cidade* (1974) emplacou dois hits que são certos para reapresentar Rita: a balada “Menino bonito”, sobre um rapaz de olhar lindo – mas que também não diz mais nada –, e “Mamãe natureza”, registro ainda do tempo do Cilibrinhas do Éden e que registra de forma contundente a sua saída do Mutantes (“Eu sei que não adianta mesmo a gente chorar / A mamãe não dá sobremesa”).

Mas a grande epifania de Rita Lee aconteceria no ano seguinte, em 1975, com o lançamento daquele que, até hoje, é considerado a obra-prima de sua

CAPA

discografia. *Fruto proibido*, de Rita Lee e Tutti-Frutti, é considerado o primeiro disco de rock brasileiro em essência, distanciado de elementos de pastiche da fonte americana. O disco dialogava com o cenário político brasileiro da época e era um registro vivo das mudanças sociais do período. Uma outra Rita Lee existia para o Brasil a partir daqui: e ela era uma desgarrada como nunca.

O disco emplacou vários sucessos, como “Agora só falta você” (um hino épico sobre mudanças urgentes e a espera de quem realmente importa, e nisso cabe amor e política), “Esse tal de Roque Enrow” e a belíssima “Cartão-postal”, uma das mais pungentes letras sobre despedidas da MPB. Nenhuma outra, porém, cumpriu o papel de “Ovelha negra”, que fecha o disco e abre um novo caminho a ser perseguido por Rita, porta-voz de outsiders perdidos em si.

“Ovelha negra” não é uma canção autobiográfica, mas acabou incorporando em Rita e, conseqüentemente, no imaginário brasileiro como um símbolo de resistência. “Não adianta chamar quando alguém está perdido, procurando se encontrar”, avisa a canção, que, segundo a revista *Rolling Stone*, foi a primeira música brasileira a citar o fenômeno da saída dos jovens da casa dos pais antes do casamento. Isso teria criado parte da empatia do público mais novo com a canção. Porém muito mais que um sintoma de resistência familiar, “Ovelha negra” parece falar às almas que buscam, antes de tudo, coerência de si. Depois da longa temporada de “sombra e água fresca” era preciso saber para onde ir. O destino ninguém sabe a princípio, mas, assim que se dá o primeiro passo, a única certeza é que voltar não é uma opção. Sumir, mas jamais de si.

Com o Tutti-Frutti, Rita gravaria ainda mais dois excelentes álbuns: *Entradas e bandeiras* (1976) – que registra “Coisas da vida”, hino épico sobre o medo de tentar – e *Babilônia* (1978). No ano do primeiro, dois fatos marcariam bastante a vida de Rita Lee e conseqüentemente sua poética: conheceria aquele que viria a ser seu marido e mais frutífero parceiro musical, Roberto de Carvalho, e seria presa por porte de maconha, em um dos episódios tidos como dos mais truculentos do regime ditatorial, com a finalidade de “servir como exemplo para juventude”. Rita estava grávida na época e alegava que havia suspenso o uso de drogas – o que foi encontrado em seu apartamento teria sido restos da erva de visitas e amigos. Ainda assim foi sentenciada. Cumpriu prisão domiciliar, precisando de autorização do governo para cumprir sua agenda de shows.

O episódio da prisão parece ter instaurado em Rita uma acidez crítica ainda maior sobre a sociedade, o governo e a própria dinâmica da música brasileira. Foi nesse período, inclusive, que compôs a sagaz “Arrombou a festa”, parceria envenenada com Paulo Coelho sobre a pluralidade e o mercado facilitado da música pop crescente no Brasil. A faixa foi lançada como single e vendeu 200 mil cópias.

VOCÊ E EU SOMOS UM CASO SÉRIO

Já o encontro com Roberto de Carvalho, que foi incorporado ao Tutti-Frutti, causou mesmo foi um mal-estar com os antigos membros – principalmente com o guitarrista Luis Sérgio Carlini, que detinha os direitos sobre o nome da banda e não hesitou em se mandar. Foi, levou o nome do grupo e coube a Rita, que não anda só, se unir ao seu Roberto. A garota papo firme do Roberto (de Carvalho) abraçaria o pop de taras, manias e bem querer. Inicia-se a fase mais colorida e rentável da carreira de Rita: rosa-choque paixão, verde musgo dinheiro.

O primeiro disco da dupla surgiria em 1979, guiado pelo estrondoso sucesso de “Mania de você”, escrita após uma tórrida noite de sexo. Atos sensuais escorriam dos dentes de um “Doce vampiro” soturno sob a luz do luar, e um “Chega mais” bem firme puxava um rapaz fegoso, com tara de louco. O disco se chamava *Rita Lee*, mas aquela parecia uma outra Rita. E era.

O sexo surgiria em suas letras de forma quase sinestésica. Era vivo e vulgar à medida que existia, na virada dos anos 1970 para os 1980, através da



banheira de espuma sem culpa nenhuma; do rasgar a roupa mas sem dar beliscão; no ficar de quatro no ato para ser preenchida de amor; do chão, mar, lua ou melodia como cenários perfeitos para um amor por telepatia.

Ao lado deste escancarar sexual, o tom de crítica social ainda emergia em letras como “Orra meu”, sobre a caricatura do roqueiro marginal brasileiro; “-Cor-de-rosa choque”, pretenso e bem aceito hino feminista à época do nosso rascunho de liberação sexual; ou “Corre-corre”, reflexão sobre a urgência construídas a partir das crises – pessoais e públicas. “Nem sempre tem vento, mas sempre tem jeito pra dar quando se trata de vida ou de morte”. Era como as coisas no mundo lá foram seguiam.

No mundo de Rita, o combo formado por discos como *Rita Lee* (1980), *Saúde* (1981), *Rita Lee e Roberto de Carvalho* (1982) e mesmo o fraquíssimo *Bombom* (1984) – que só se salvava por pedir desculpa por aquele auê que a gente nunca sabe direito como começou, mas quando deu por si, já tinha passado por cima do orgulho – ao mesmo tempo em que fazia as engrenagens do mercado girar, dava indícios de uma amornada no ímpeto criativo. Havia um flerte interessante com a disco music em momentos pontuais, mas a fórmula de canções pop flácidas e bem humoradas se tornaria repetitiva dali pra frente.

A maior pérola de Rita neste período pós-hits massivos estaria escondida no disco de 1985, se chamaria “Vírus do amor” e seria um dos mais contundentes retratos do medo de amar provocado pelo boom do vírus da AIDS. “Aqui estamos nós/ Turistas de guerra/ Bizarros casais/ Restos mortais do Ibirapuera” cantava o amor em tempos sombrios, em que o sentimento beirava o caos daquele desconhecido e inoportuno jeito de amar.

Em 1988, Rita ensaiou um ótimo disco de tom político, o *Zona Zen*, que depois da enxurrada de canções cor de rosa chiclete, pouca gente entendeu. Mas estão lá letras impecáveis e músicas incrivelmente conectadas com o que havia de mais moderno no pop da época. “Nunca fui santa” sintetiza: “Sou nova demais pra velhos comícios/ Sou velha demais pra novos vícios”.

Mas foi em 1990 que, em mais um disco com o nome do casal RR, que a faixa “Perto do fogo”, parceria de Rita com Cazusa, reconectaria a cantora e seu público através de um discurso crítico contundente: “No coração da cidade/ Defendendo a liberdade/ Eu quero ser uma flor/ Nos teus cabelos de fogo/ Quero estar perto do poder/ Eu quero estar perto do fogo/ No umbigo de um furacão/ E no peito um gavião”. Saíamos da primeira eleição direta para presidente no Brasil rumo ao governo Collor, que

HALLINA BELTRÃO



afundaria o País pouco tempo depois. “Perto do fogo” parecia um aviso: é preciso coragem.

A partir daí, a carreira de Rita Lee entraria num transe peculiar após o ótimo show *Bossa n’ Roll*, que desplugou seus principais sucessos recentes. O mesmo aconteceria no bem sucedido *Acústico MTV*, cujas participações de Cássia Eller e Milton Nascimento, renovaram as forças de “Luz del Fuego” e “Mania de Você”, comprovando a eterna atualidade de ambas. De lá até aqui, discos pontuais como *3001*, lançado em 2000, e o caprichado *Aqui, ali, em qualquer lugar* (2002), com versões dos Beatles, sobram algum vigor em sua discografia. Sua poesia, no entanto, andou um tanto afastada da música, cada vez mais rarefeita e diminuta nos últimos anos. Porque certas cartilhas não dá para seguir nem rezando.

STORYNHAS

Mas se nos últimos dez anos não foi através da música que Rita Lee conseguiu estabelecer contato criativo com seu público, há pelo menos quatro anos seu Twitter se tornou uma fonte de metáforas ácidas e melancólicas através de pequenas ficções criadas ali. O arsenal de pequenas histórias impulsionou seu encontro com o cartunista Laerte e, juntos, eles lançaram recentemente o livro *Storynhas*,

No auge da Aids na década de 1980, Rita falava de um vírus do amor que deixava suas vítimas com 42 graus de febre contente

que reúne as tweet-ficções de Rita e ilustrações do artista. A edição é da Companhia das Letras.

Rita incorpora um discurso crítico através de personagens surreais que às vezes falam de prisões pessoais, como a mulher-vaso que tem alergia a flores, ou Bob Esperma, um arrogante espermatozoides que se atropela em seu excesso de confiança.

Críticas aos acontecimentos contemporâneos surgem através de paródias de personagens famosos, como Don Malufone, Trispo Pedir Mais Cedro e a cantora Lady Cafa.

Porém é a presença da personagem La Cantante que mais chama atenção no livro, pois sugere uma espécie de alter-ego da própria Rita Lee. Seja numa visão pessimista de uma estrela vislumbrando decadências pessoais – em uma das histórias, La Cantante está reclusa dos holofotes e alguns acham que ela está morta – ou tendo a personagem como instrumentação de memórias – como quando ela sugere passagens dos bastidores da apresentação de Rita no *Rock in Rio* de 1985 – Rita Lee imprime muito de sua biografia aqui. Ou como ela chama a obra: “Minha futura autobiografia não autorizada por mim mesma”.

Toda obra é extensão da vida do seu autor e a ficção se torna uma aliada para amparar as grandes metáforas e imagem que fazem a poesia se mover através da literatura, da música ou das imagens. Rita congregou os três suportes ao longo de seus 50 anos de dedicação artística, que teve a sua própria vida como base para ampliar os sentidos dos momentos mais brilhantes de sua obra e trajetória. Rita Lee foi passear. Viu o mundo, descobriu que ele começa na gente e está nos ajudando a decifrar desde então.

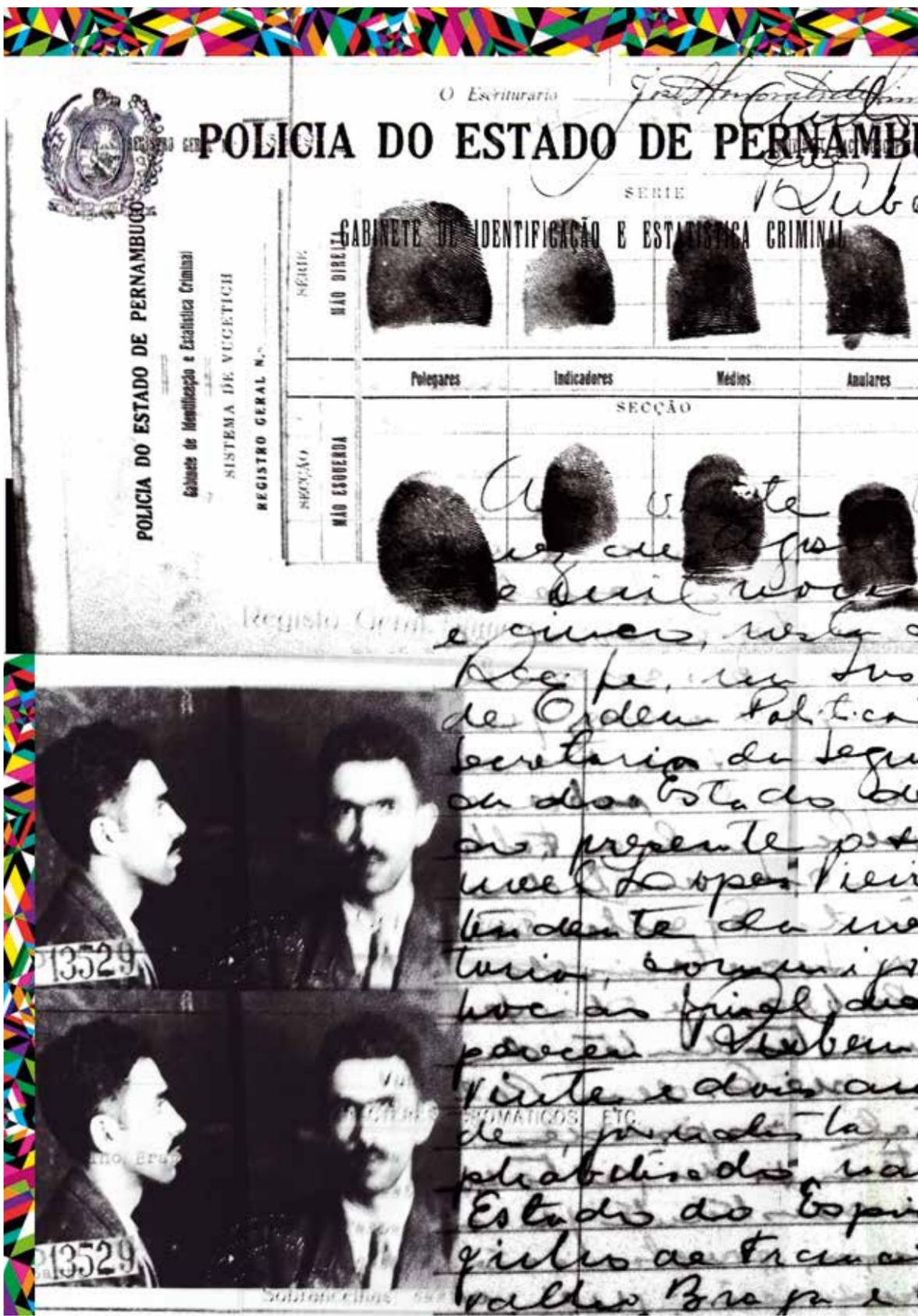
RESENHA

Seguindo as pistas de um fantasma

Quando esteve “exilado” no Recife, Rubem Braga viveu um período conturbado

Luís Fernando Moura

HALLINA BELTRÃO



Marilyn Monroe (1927-1963), atriz. Imagem do site www.marilynmonroe.com



A travessia de Rubem Braga pelo Recife deixou as digitais de um fantasma. É a crônica de um prontuário surpreendentemente inteiriço, mesmo após 78 anos de ranço, onde as impressões de seus dedos e mais 15 folhas armazenam rastros de três detenções em um único mês. Entre elas, o recorte integral de um texto seu, virtualmente perdido, e um auto de defesa garranchado por um oficial, no qual ao menos conseguiremos identificar o suplício hoje simpático: o escritor, jura ali, nunca foi enriquecido pelos soviéticos.

Braga, registro geral número 13.529 no Departamento de Ordem Política e Social (Dops) de 1935, é o três por quatro preto e branco de um elemento de terno e apenas 22 anos, natural do Espírito Santo, solteiro, jornalista, cútis branca, 1m74 de estatura, rabiscado por um violento grafite vermelho. Crime em anexo: o texto *Carta a um padre*, resposta pública à acusação do destinatário Padre Torres, para quem a Aliança Nacional Libertadora (ANL) é uma máquina ideológica financiada no estrangeiro:

“Você disse que a gente (...) ganha 3 contos por cabeça... Você disse que a gente quer acabar com a família, com Deus, com o Brasil... (...) A Pátria está aí e vai bem. Mas está nas mãos dos outros, não está nas mãos do povo. (...) A Pátria que eu amo, reverendo, é a Pátria de João da Silva, é a Pátria de Severino de Tal, é a Pátria dos anônimos (...) Por essa Pátria há milhares de brancos e de negros, de mulatos e de estrangeiros lutando e sofrendo”. E continua: “Por obséquio, não

fale mais em Deus. Deixe Deus sossegado, reverendo. Não o coloque ao lado de Ford, vigiando a Concessão! (...) Reverendo, lá fora o sol continua loiro sobre o Recife. A primavera não tarda, reverendo. Setembro vem aí. Muita coisa vem aí. A multidão vem aí”, sentencia.

É um ateu cumprindo vocação quase ausente de suas mais completas antologias. Ainda quatro meses antes, o influente colunista Alceu Amoroso Lima já farejava no emergente cronista dos Diários Associados um crítico aguerrido da Igreja. Como conta o biógrafo Marco Antonio de Carvalho em *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar*, Amoroso Lima lança então um revoltado “ou ele ou eu” para o magnata Assis Chateaubriand, que despacha o capixaba do Rio de Janeiro para integrar o quadro do *Diário de Pernambuco*.

Dura apenas dois meses, no entanto. As vésperas de eclodir a Intentona Comunista, Braga aceita salário mais modesto e assume o cargo de redator-chefe da estrepante *Folha do Povo*, braço da ANL em Pernambuco. “É nesta rápida passagem pelo Recife que Rubem Braga publica alguns dos textos mais agressivos já escritos na imprensa brasileira contra a poderosa Igreja, seus sacerdotes e fiéis”, escreve o biógrafo do jornalista.

A pose do detento, fotografada em 23 de agosto, sela a última das decorrências na delegacia dos extremistas. Em 7 de agosto, é detido por “manter ligações com pessoas filiadas ao Partido Comunista”. No dia 15, por “fazer parte do Congresso Nacional da Juventude do Brasil”. Da última vez, por “dirigir ataques



violentos às autoridades policiais, pelas colunas do jornal 'Folha do Povo'. "Conclui-se tratar de um indivíduo filiado ao Partido Comunista e perigoso agitador", subscreve a datilografia.

"Se o senhor vier aqui outra vez, não tem conversa: vai direto para o Brasil Novo", diria naquele dia o delegado ao escritor, relata o biógrafo, em referência ao temido presídio recifense. Braga, driblando a repressão, parte para Porto Alegre num intervalo de 20 dias e deixa diferentes vultos. Em *História da imprensa pernambucana*, Luiz Nascimento registra que o escritor teria ido embora para cobrir a Exposição Farrouphilha. Em *Europa 1935: uma aventura de juventude*, Moacir Werneck de Castro diz que "adoeceu e precisou voltar ao Sul".

Carvalho, no entanto, sentencia: "Rubem preferiu não conhecer o famoso e assustador presídio recifense". Abandona o antigo endereço no rodapé da ficha policial e entrega o destino a Paulo Mota Lima, que ocupa seu antigo posto na *Folha do Povo* e amarga três anos e quatro meses atrás das grades. Deixa, por fim, suposta coleção de suicídios, 25 crônicas interdidas e, na falta de uma assinatura legível, um segundo retrato ao relento do *Diário de Pernambuco*.

COLEÇÃO DE SUICÍDIOS

Os vestígios da produção de Braga no Recife esboçam a genealogia de uma conversão: de bom moço a extremista perseguido. Os dois únicos textos assinados

que deixa no *Diário* durante o período de sua estadia, embora escritos ainda no Rio de Janeiro, dão sinais de um engajamento afetivo na vida ordinária – que pouco depois cruzaria o caminho da sensibilidade comunista emergente no país.

O suplemento de luxo *Segunda Seção* traz o primeiro deles em 6 de maio. *Chegou o outono...*, escrito por Braga em março, testemunha revelação sazonal na capital fluminense – e, com a chegada dos ventos, uma adulteração emocional, vista do bonde tomado por operários. "Era eminente a entrada em Botafogo; penso que o resto da viagem não interessa ao grosso público. (...) O necessário é que todos saibam que chegou o outono. Chegou às 13h48, na rua Marquez de Abrantes e continua em vigor. Em vista do que, ponhamo-nos melancólicos".

No domingo seguinte, 12, vem *O homem do quarto andar*. Uma vez mais, uma crônica tristonha sobre bondes e transformação, servida de relato sobre a mudança de um homem anônimo e despercebido pela cidade, para quem a vida é constante percurso: "Ali mesmo não se despedira de ninguém, ninguém tomara conhecimento efetivo e afetivo de sua vida. (...) Deu ao 'chauffer' o endereço novo".

No resto do itinerário, Braga se esconde na seção *Fatos diversos*, enfiado na contracapa. Se lhe interessa, como cronista, colher anonimatos, ali ele se serviria desta mesma matéria-prima para produzir, exilado no lide, denúncias mas também

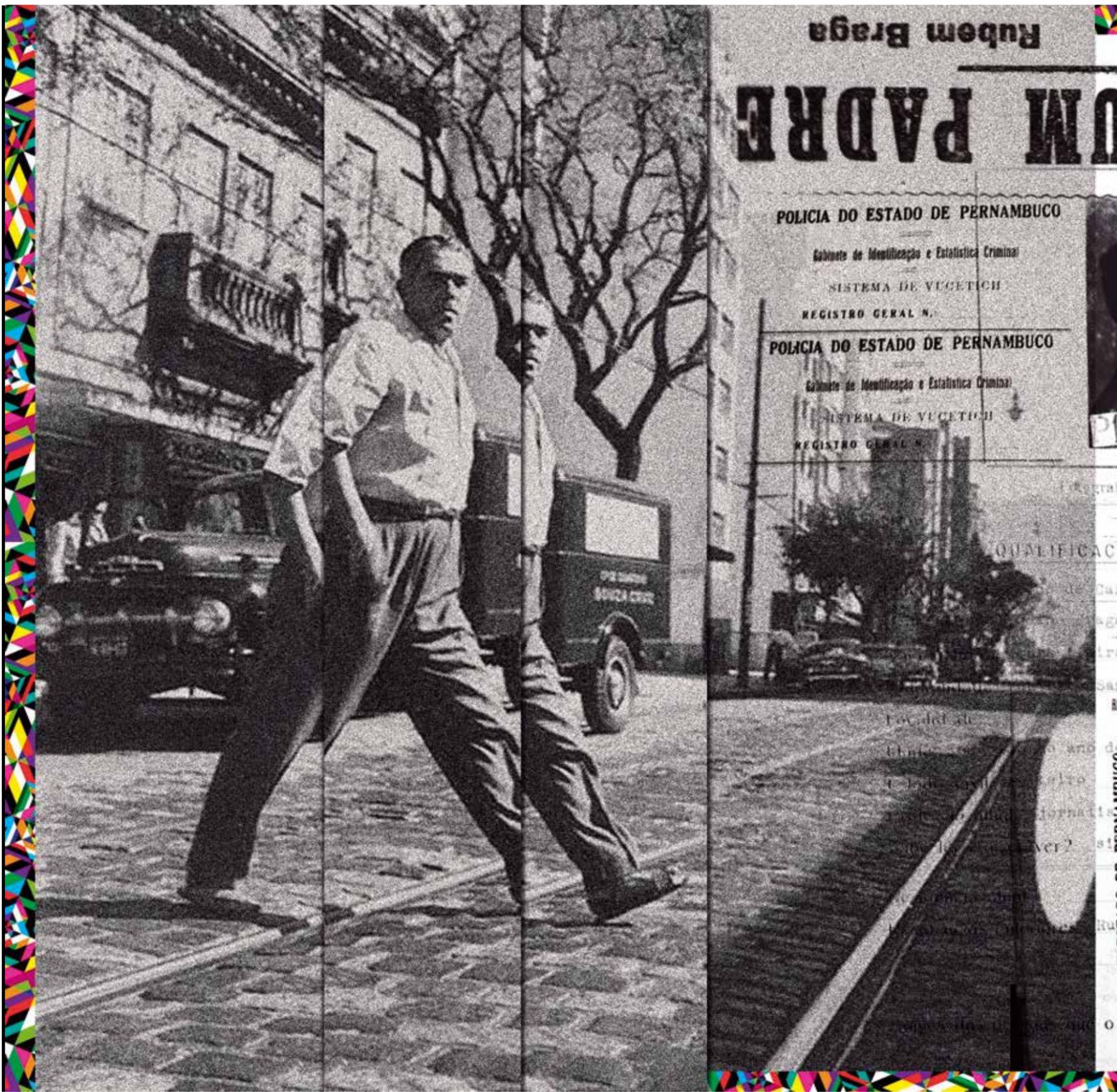
historietas de todo tipo de sensacionalismo: longas chacinas familiares, a tragédia de tuberculosos desassistidos, maravilhosa série de debates sobre o aperto de mão ser gesto anti-higiênico, nota sobre um garoto que quebra a perna na escola ou sobre o homem que fere a orelha nos trilhos da Pernambuco Tramways. Muitas, enfileiradas notas diárias sobre acidentes de bonde.

O que é de sua autoria, não se sabe. Buscamos sinais de estilo, mas são poucos os rastros fiáveis. Mapeamos o passeio junto a, entre outros, Fernando da Cruz Gouvêa, que ingressou no *Diário* em 1945 – cuidou das coleções do periódico até cinco anos atrás – e Gladstone Vieira Belo, atual vice-presidente executivo do veículo: caso perdido. Jornalistas contemporâneos, fazem coro, estão mortos. Sua presença na cidade, emenda Gouvêa, foi muito discreta. "Nem ele falava no assunto. E creio que não deixou marcas". "Era muito jovem, ninguém ia pensar que depois seria o que foi", completa Vieira Belo.

O jornalista Xico Sá nos dá novo horizonte. Em coluna de 2011 para a *Folha de S.Paulo*, relata que Braga foi o primeiro repórter a publicar notas sobre suicídios no *Diário*, prática cujo destino seria se tornar tabu maior do jornalismo. Por e-mail, ele nos diz que lhe faltam fontes – "li quase tudo sobre o cronista, mas não vi a informação registrada" – mas que a história foi propagada em mesas de bar pelo escritor Alberto da Cunha Melo, também já falecido.

RESENHA

HALLINA BELTRÃO



O Braga da ternura de classe é um colecionador de suicídios: publicaria oito notas sobre populares desistentes da vida, se acaso for o autor do conjunto que vai de maio ao início de julho, quando deixa o emprego. A primeira vem já no primeiro dia 5: “Doente incurável suicidou-se”, breve notícia estrelada por mulher que, abatida por “moléstia incurável”, toma banho de querosene e atea fogo a seu próprio corpo.

Os outros casos tanto passam depressa quanto parecem ter sido taquigrafados por um robô. O mecânico se joga de um segundo andar na Rua São Jorge. Outra moribunda grave se incendia. Por vezes, são como obituários cuja única informação, a despeito de enredos ou descrições, é o simples ato da morte: “Suicidou-se anteontem. O cadáver foi removido para o necrotério público”.

Entre um falecimento e outro, certos informes parecem ecoar a presença de um crítico da polícia. Em 14 de maio, *Fatos diversos* noticia espancamentos de um preso por policiais, cujo braço “é quase quebrado” – no que o governador Carlos de Lima Cavalcanti remete uma nota, publicada na íntegra, em que promete apurar os fatos e critica eventual irresponsabilidade do jornal com verdades. O caso some das páginas. No dia 18, porém, outra denúncia: “Péssima alimentação dos presos – carne podre no Brasil Novo”.

Algo explode no Brasil e as pegadas de Braga transcrevem os estilhaços sob o disfarce das páginas: Lam-

pião atravessa Pernambuco, a ANL infla, o Brasil Novo é uma assombração. O temor dos cangaceiros e dos comunistas passa a tomar, em partes iguais, as capas do periódico. Sua demissão se aproxima. 29 de junho, dez dias antes de estrear a *Folha do Povo*, sua passagem no *Diário* tem enfim uma pegada evidente. É a mesma monocelha de Braga estampada na testa de um entre dois enquadrados na foto, sob a chamada *Os rumores em torno da Secretaria de Segurança*. Legenda: “O capitão Rossini Raposo, à saída do palácio, ontem, quando era abordado pela nossa reportagem”.

O jornalista é contundente: burburinho sobre a ex-neração de Rossini da Secretaria de Segurança sinaliza misteriosas intenções da polícia política. “Informado de que estava em palácio, lá se foi nosso repórter”, diz o texto. O capitão nega o boato, mas o colecionador de suicídios abre intertítulo, sob alegação de “rumores bem fundamentados”: “Aqui está o sr. Lopes Vieira (...), em missão reservada do ministro do Trabalho. Sob a natureza dessa missão faz-se mistério. Já se sabe, entretanto, que ela é diretamente ligada às atividades policiais, principalmente no setor da ordem pública e social. O sr. Lopes Vieira viria por em prática processos de vigilância aos elementos extremistas dentro dos sindicatos proletários”.

Primeira semana de julho, dito e feito. Manoel Lopes Vieira assume a pasta, sob a missão de reorganizar a ação policial. O jornal publica, na íntegra, emblemático manifesto de Luís Carlos Prestes, o qual inquire em

seus editoriais e colunas. Fecham-se pelo Brasil os núcleos da ANL, que vem ao Recife em caravana, e a Secretaria de Segurança inventa um gabinete dedicado a xeretar reportagens de jornal.

Dia 10, enfim. A generosa nota de rodapé anuncia o inverno de Braga: *Folha do Povo: circulou ontem mais esse vespertino* pincela trechos do editorial de lançamento, que imbuí o veículo de “expor as condições de vida e trabalho das camadas operárias e populares”. “Saúdamos a nova confreira”, acaricia o *Diário*, sem menção ao redator-chefe da *Folha* e agora ex-funcionário de Chatô. Dois suicídios são noticiados nos quinze dias seguintes.

ANTOLOGIA INTERDITADA

Do lado de fora do *Diário*, Braga colhe restos de reportagem, mas sem implicar seu passado imediato: “A assistência foi chamada. Veio tinindo”, escreve. “Um homem estava deitado na calçada. Uma poça de sangue. A assistência voltou vazia. O homem estava morto. O cadáver foi removido para o necrotério. Na seção *Fatos diversos* do *Diário de Pernambuco*, leio o nome do sujeito: João da Silva. Morava na Rua da Alegria. Morreu de hemoptise”. “Nós somos os Joões da Silva”, emenda. E termina profético: “Nossa família um dia há de subir na política...”

Crônica das mais antológicas, *Luto da família Silva* é exceção na produção de 25 textos escritos por Braga durante a breve sobrevivência da *Folha do Povo*



de 1935: 20 foram deixados à margem de qualquer compilação. Com aquela, foram publicadas mais três delas em seu primeiro livro, o praticamente inacessível *O conde e o passarinho* (1936).

A cidade lírica é cenário de luta de classes em Recife, tome cuidado: “Nem a luz fraca da Pernambuco Tramways. Os mocambos adormecem no escuro, na lama. (...) Recife, linda Recife, das lindas fontes, dos coqueiros lindos, Recife, linda Recife, tome cuidado, que você se estrepia”. Em *Véspera de São João no Recife*, é lamento: “Amanhã, João, este povo continuará na vida. Por que o distrais assim com teus fogos, João? Amanhã os pobres estarão mais pobres e os ricos os esmagarão, e muitos homens irão clamar nas cadeias”. *Reflexões em torno de Bidu*, por fim, criptografa com veneno o show de Bidu Sayão, estrela da música cercada de *smokings*. “Extraordinariamente feio, o Teatro Santa Isabel!”, cutuca Braga, e olha torto para a progressista placa com inscrição de Joaquim Nabuco, no foyer do edifício: “Velho Nabuco, há muitas abolições a fazer ainda”.

“Sua inquietação social vem justo num momento de polarização tremenda”, contextualiza Carlos Ribeiro, pesquisador da obra do jornalista e autor de *Rubem Braga: um escritor combativo – a outra face do cronista lírico*. “Ele não tinha timidez para tomar posições, portanto estes textos têm um peso muito grande do ponto de vista da crônica social. O período em que morou no Recife é uma marca fundamental desta postura”.

Registro Geral Número 13529

Fotografia tirada no mês de 27 de 1935 de 1935

Nome: RUBEM BRAGA

QUALIFICAÇÃO	CARACTERES FÍSICOS, ETC.
Filho de Francisco de Carvalho Braga	Culo: branco
de nasci. Coelho Braga	Cabelos: castanhos
Nacionalidade: brasileira	Barba: raspada
Naturalidade: Espírito Santo	Digito: castanho
Localidade:	Solamecchias: castanhas
Idade: nascido no ano de 1912 anos	Olhos: castanhos
Estado civil: solteiro	Estatura: 1m, e 74 cm.
Profissão atual: jornalista	Corpo:
Sabe ler e escrever? sim	Local onde trabalha:

Residência atual:

Residências anteriores: Rua Serravallo Pires n. 254

Nome das pessoas que o conhecem e as respectivas residências:

Nome dos investigadores que o conhecem:

RARIDADE A ficha do escritor Rubem Braga que está nos arquivos do Dops

A última de suas crônicas recifenses reeditadas em livro é também a que trilha destino mais obscuro. *Reportagens*, incluída no raro *Morro do isolamento* (1944), transporta a distância esotérica com que o jornalista descreve cultos afro-brasileiros para narrar, com espanto, uma missa: “Um homem com uma espécie de camisola preta e com um pano bordado de ouro nas costas dizia palavras estranhas, em uma língua incompreensível. A um gesto seu, mulheres e homens se ajoelharam murmurando coisas imperceptíveis (...) bebeu um pouco de vinho e começou a meter na boca de cada velha que se ajoelhava em sua frente uma rodela branca”. E encerra: “O que dirá a isso o senhor Chefe de Polícia?”, enterrando em setembro, fichado e foragido, a última de suas incursões conhecidas em páginas recifenses. É primavera.

Braga escreve para a *Folha do Povo* até o seu fechamento pela polícia, em 24 de novembro de 1935, enviando textos de Porto Alegre e do Rio de Janeiro. Resquícios históricos dos quatro meses de periódico encontram-se despedaçados na *História da imprensa pernambucana*, de Luiz Nascimento, e na arguição pessoal de Paulo Cavalcanti em *O caso eu conto, como o caso foi*. A pesquisa mais engenhosa sobre o veículo foi feita há cerca de sete anos por Ana Lira, pesquisadora do Trotamundos Coletivo que em 2007 publicou o artigo *Folha do Povo: a voz popular no jornalismo diário recifense*, consistente apanhado histórico das peças acessíveis.

As páginas da *Folha* – e, com elas, os 20 textos esquecidos de Braga – desvaneceram, no entanto. Quando realizou a pesquisa, Ana teve acesso a exemplares já interditados para consulta no Arquivo Público pernambucano, acompanhada por um técnico de luvas. As primeiras edições, descreve, estão se despedaçando. A capa inaugural, dividida pelo tempo em quatro partes de um quebra-cabeça de areia. Dizia-se então que a coleção seria restaurada e microfilmada pela Fundação Joaquim Nabuco, por ocasião do bicentário da imprensa brasileira, celebrado em 2008. A *Folha* de 1935 ficou de fora das recuperações.

Hoje, a ordem é de distância do caderno, que se desmancha com o toque. “Pode deixar o jornal inacessível para outros pesquisadores, o que seria irreversível”, justifica um funcionário do Arquivo Público. Diz-se que a Fundação Roberto Marinho possui cópias doadas pelo Partido Popular Socialista (PPS), mas a confirmação é difusa e a instituição, depois de um mês de contato via PABX burocrata, permanece calada. A família de Rubem Braga se pronuncia através de uma assessora de imprensa: quando morou no Recife, Braga estava solteiro e desacompanhado, desculpa-se.

A executiva do atual PCB pernambucano promove reunião com a reportagem, disposta a escarafunchar, conjuntamente, a memória do veículo. Roberto Arrais, Délio Mendes, Odon Porto, Danúbio Aguiar. Nenhum deles sabe muito sobre o tempo do antigo redator-chefe Braga. Suas lembranças são impregnadas pela *Folha do Povo* que viveram: a aberta dez anos depois, já vinculada oficialmente ao PCB, quando a imprensa comunista foi, por breve período, legalizada no Brasil – e, por décadas por vir, mais uma vez perseguida pelos regimes autoritários.

“Eu digo sempre que nos preocupamos muito com a perda das pessoas, o que é natural, mas você não sabe o que a ditadura fez do ponto de vista cultural. Destroei qualquer elo com o passado”, lamenta Mendes. A hipótese do grupo é de que eventuais arquivos pessoais da primeira *Folha do Povo* foram simplesmente destruídos, por medo dos militantes ou por ação violenta da polícia. “É o jornal mais empastelado do mundo”, diz Porto, evocando o verbo que traduz a inutilização de uma oficina gráfica – neste caso, por meio da força policial.

No original, a piada foi ironia de Braga em que o verbo, observa Ana Lira, tinha sentido ambíguo: de destruído e de pobretão mesmo. Está dito num trecho pincelado de crônica perdida, por meio da qual o escritor se despede das terras recifenses: “passei um domingo na praia de Boa Viagem e uma noite na cadeia (...) Fui à festa dos Montes Guararapes e trabalhei no jornal mais quebrado do mundo”.

EPÍLOGO

A recepcionista de uma concessionária de crédito no empresarial Brasil Norte lamenta: “Infelizmente aqui não sabemos dessa história de pensão”. É neste mesmo 234 da tarefa rua Gervásio Pires que, ao longo dos cinco meses de permanência no Recife, Braga dorme parte de suas noites, seis décadas antes da pensão de Dona Bertha dar lugar ao pequeno espigão vizinho a uma loja de colchões.

Dali Braga compartilha o Recife com o filho da proprietária, o médico Noel Nutels, mais Capiba, Fernando Lobo e os irmãos Suassuna. Circula ao lado do crítico Valdemar Cavalcanti, do sociólogo Manuel Diegues Júnior, do poeta Ulisses Braga, de Gilberto Freyre. De madrugada, vai ao mercado do Bacurau, “onde come sarapatel e bebe cachaça”, diz a biografia, e veste “uma gravatinha vermelha aos sábados e somente aos sábados”. Frequenta cabarés “de quinta categoria” com o poeta Odorico Tavares e, claro, cultos afro-brasileiros.

Em *O índio cor-de-rosa: evocação de Noel Nutels*, Orígenes Lessa reconstrói alegoria para as inquietações iconoclastas do jovem Braga, que “acabava de descobrir uma utilidade inesperada para o seu canudo: matara com ele, em duas rápidas pancadas, um enorme rato que lhe entrara no quarto, perseguido pela rapaziada”. O conto, escreve Lessa, “está perfeitamente dentro do clima em que viviam todos, o tempo a correr mais do que o rato e cada componente do bando quase tão feliz com a descoberta da vida quanto o Braga com a descoberta de uma aplicação, afinal, para o seu comprovante burguês de bacharel”.

Alvo dos investigadores do Dops, Braga empregaria, com o mesmo espírito traquina, outros utilitários cotidianos, tal como nos fuxica o economista Abelardo Caminha (PPS): “Certa vez, ele encontra Cristiano Cordeiro, pernambucano fundador do PCB, e eles se abraçam. Ao perceber um volume, Cristiano pergunta: ‘Você está com um revólver?’ É um martelo. Braga explica: ‘Para quando eu for preso, poder pregar meu terno na parede’”.

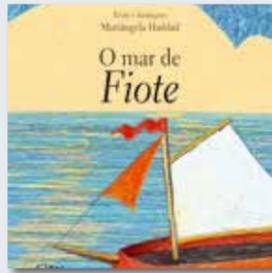
HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.
Revista Continente.
Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



O MAR DE FIOTE
Mariângela Haddad

Vencedor do Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil/2011 na categoria infantil. Ilustrado pela autora, conta a história de um menino que, com pai ausente e cercado de irmãs tagarelas, não consegue se expressar.

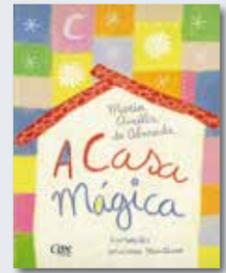
R\$ 35,00



O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



A CASA MÁGICA
Maria Amélia de Almeida

A casa mágica, da pernambucana Maria Amélia de Almeida, veterana na literatura infantojuvenil, compartilha com as crianças de hoje as experiências de um mundo antigo.

R\$ 25,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX
Claudia Poncioni

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

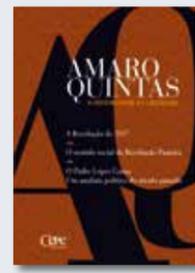
R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Claudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

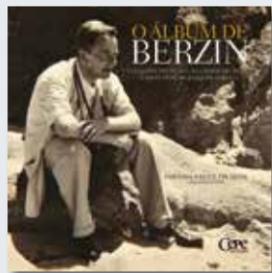
R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



O ÁLBUM DE BERZIN
Fernando Cerqueira Lemos

Compilação do trabalho fotográfico de Alexandre Berzin, a partir dos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco e do Museu da Cidade do Recife. O registro do fotógrafo vai desde detalhes arquitetônicos até cenas de carnaval, passando por paisagens urbanas, rurais e marinhas.

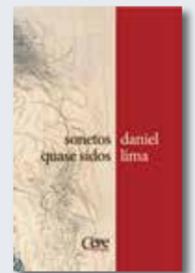
R\$ 60,00



ELUCIDÁRIO
Fernando Cerqueira Lemos

Escrito por um especialista no assunto, com cerca de 400 verbetes, em linguagem acessível e direta, além de ricamente ilustrado. Obra útil para colecionadores, leiloeiros, decoradores, arquitetos, antiquários e marchandes.

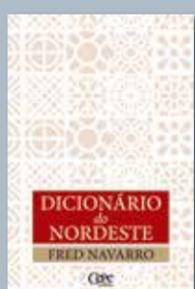
R\$ 90,00



SONETOS QUASE SIDOS
Daniel Lima

“Como serei depois de quase um ano de morto, e ainda muito mais, mortíssimo?”. Questões que nem todo mundo tem coragem de encarar, prendem a atenção do leitor nas páginas de *Sonetos quase sidos*, o novo livro do padre-poeta Daniel Lima.

R\$ 40,00



DICIONÁRIO DO NORDESTE
Fred Navarro

Dicionário do Nordeste, do jornalista pernambucano radicado em São Paulo, Fred Navarro, é fruto de 21 anos de minuciosa pesquisa. A obra reúne em suas 711 páginas mais de dez mil verbetes e expressões usadas em todos os estados da região e nasceu da necessidade de “traduzir” para os colegas certos termos normalmente empregados por ele em seu dia a dia nas redações paulistas. O livro tem prefácio do gramático Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras.

R\$ 70,00



A EMPAREDADA DA RUA NOVA
Carneiro Vilela

Livro mítico da literatura pernambucana, *A Emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, “em defesa da honra da família”? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Ricardo Domeneck

Carta ao pai

Agora que o senhor mais assemelha pedaço de carne com dois olhos dirigidos ao teto escuro no leito em que provável só não há-de morrer só porque nem a própria saliva poderá engolir por si na companhia somente desta sonda que o alimenta me pergunto se ainda em validade a proibição da mãe em confessar ao senhor os hábitos amorosos das mucosas que são minhas e se deveras me amaria tanto menos soubesse quanta fricção já tiveram que não lhes cabia biológica ou religiosa -mente e se também pediria para sua filha a morte que desejou a tantos de minha laia quando surgiam na tela da Globo da Record da Manchete do SBT que sempre constituíram seu cordão umbilical com a tradição e se deveras faria sobrevir sobre eles grande destruição pela violência com que urrava seus xingamentos típicos de macho nascido no interior desse país de machos

interiores e quebrados em seus orgulhos falhos de crer que o pai é o que abarrota geladeiras e não deixa que falte à mesa o alimento que nutre as mesmas mucosas em que corre o seu sangue mas não seu Deus e ora neste leito partido o cérebro em veias como riachos insistentes em correr fora das margens se o senhor soubesse o dolo com que manchei a mesa de todos os patriarcas ainda pergunto-me se me receberia com a mansidão que aceita na testa o beijo desta sua filha que nada mais é que a sua imagem e semelhança invertidas tal espelho que refletisse opostos de gênero e religião ou o desenho animado na infância de uma Sala de Justiça onde numa tela podia-se observar um mundo ao avesso e se o Pai e o pai odeiam deveras o gerado nas normas

da Biologia e Religião mais tarde porém geridos na transgressão das leis que o Pai e o pai impõem-nos na ciência de sermos todos falhos nessa Terra onde procriar é tão frequente que gere prazer nenhum e olho o senhor com essas pupilas que talvez jamais reflitam o Pai mas ora veem o pai eu mesmo pedaço de carne com dois olhos peço perdão em silêncio pois sequer posso dizer que não mais há tempo e mesmo assim e porém e no entanto e contudo pelo medo adversativo de talvez abalar uma sistema rudimentar de alicerces sob a casa sob o quarto sob esta cama de hospital emprestada escolho uma vez mais o silêncio

Íncubos 1

Eu não acredito.

...

...

(Ela se vira.)

...

...

(Suspira.)

...

Putá que pariu.

E o pior é ainda não poder nem fazer barulho. Saco.

Mas foi-se. Foi-se. Adeus, soninho.

E justo hoje. Justo hoje.

Putá dia comprido.

Tudo bem que o dele deve ter sido também. Pelo que ele falou, pelo menos... E, meu deusinho do céu, mas como falou, meu. Pelo amor. Nunca vi uma coisa dessas. Já chegou solando. Parecia que tinha tomado alguma coisa. Será que ele tomou alguma coisa?

Mas que coisa, Maria Cristina, mas que coisa.... Que coisa. Onde já se viu. Não dava nem tempo. Ele chegou na hora de sempre, do jeito de sempre, só que a mil. A mil e um. Falando pelos quatro cotovelos. Um sorriso enorme.

Dá uma tristeza, isso dá.

Deixa pelo menos ver se eu consigo puxar essa coberta aqui sem acordar ele. Prendeu embaixo do braço. Mas tudo bem, do jeito que ele está hoje eu podia puxar isso aqui até fazer ele sair rodopiando. Dar um trancão assim. Sair que nem pião. E aposto que caia dormindo do lado da cama. Pelo menos um puxãozinho mais.

Engraçado que parece essas horas que são essas coisas. Que é totalmente impossível. Que a única razão de você não conseguir dormir é essa coberta embolada aqui, ou curta ali, ou a coceira do elástico da calcinha. Ai, meu Deus. Será que dá pra coçar com a mão esquerda...

Mas dá uma tristeza mesmo, isso. Dá.

De por que é que você olha o teu marido chegar em casa todo feliz, quase saltitante mesmo, uma puta cara radiante, e você não consegue ficar feliz.

Eu até meio que me diverti na hora. Pensei, eh! Qual que é, Amadeu? Acho que até falei isso. Devo ter falado.

Mas no fundo eu estava era rodando aqui umas coisas tipo o que que ele me aprontou? Ou nem isso. Que eu sabia que ele não tinha aprontado nada. Conheço o seu Amadeu. Deve ser só culpa.

Ou nem isso. No fundo mesmo eu estava era pensando tipo qual que é, mané, de onde essa cara? Taí se abrindo que nem guarda-chuva por quê.

Eu devo até ter falado isso. Acho que falei.

E ele nem tchuns.

Só o sorriso.

Tudo bem que fazia meses mesmo que eles estavam torcendo pra aquele pessoal de Minas fechar com eles. E que diz que todo mundo ficou super feliz lá na agência, que nem foi só ele. Diz que até mandaram o guri descer comprar umas cocas e umas coxinhas.

Procê ver...

Isso com aquele zumbi do André de chefe. Nossa, deve ter sido a maior festança.

Hffff...

Sacanagem.

De novo. Só maldade, no fim. É só maldade.

Deve ser culpa.

Os caras estavam felizes. Que comam coxinha! Pois que comedes coxinha e vos fartades! E infartades!

(Ela sorri. Pisca cada vez mais lentamente.)

(Suspira.)

Deve ser culpa.

Aí ele me chega com aquela carantonha de satisfeito. Sastisfeito.

Trouxe um presente? Nem.

Trouxe coxinha? Té parece...

Só o falatório. E me contando tudo de novo pela trocentésima vez. Como se eu já não soubesse a porra

da história do “pessoal lá de Minas”. Ladiminns. Ele simplesmente não consegue não dizer. Capaz de apostar que ele fala até pros caras ladiminns. Desse jeito. Imagina. Sabe Deus como foi que eles conseguiram “fechar” com esse povo.

Nunca devem ter visto nem a fuça do Amadeu.

Maior surpresa, que vai ser.

Sacanagem. Só porque não me trouxe coxinha...

(Ela sorri. Olhos bem abertos.)

Deve ser. Só pode ser.

Se bem que eu duvido. Não tem a menor noção. Nem de nada.

Só quer saber é do contrato com os mineiros e de zumbir na minha orelha na janta. Me chamou pra ir comer fora? Já que era comemoração? Nada. Só quer saber é do tal do contrato.

Engraçado que eu já tinha até esquecido essa estória. Ele até parecia também, que tinha. Esquecido. Aí tudo de novo.

Aquele monte de número, aquele “monditrem” que precisou pra fechar com os caras. A estória toda de novo. Que o André que conseguiu, que tudo bem que ele nunca foi muito com a cara do André, mas que foi ele que fechou.

Será que ele disse isso mesmo?

Que nunca foi com a cara do André?

Se-rá?

Não sei não. Eles sempre se deram bem. Direitinho, pelo menos. E o André também me disse a mesma coisa. Sempre.

Mas hoje tudo lindo. Purcausdumonditrem que deu certo. Que tudo deu certo. Que maravilha. Só coxinha. Mondicoxinha.

E ele estava feliz. Estava mesmo. E eu achei ruim. Pensei qual que é, mané.

Putá sacanagem. Sacaneando com ele e achando ruim ele estar com cara boa. O cara estava animado, ora. Ara. Ora-ora. Arara.

Tinha era que trocar essa cortina. Fica uma luz. E tem hora que parece que só isso que é a coisa. A coisa da cortina embolada embaixo do braço.

Que não vai dar pra você dormir por causa disso.

Do braço dele aqui embolado em mim todo feliz na coberta. Da cortina da luz.

Deve ser culpa.

Mas aposto que ele nem imagina de mim e do André.

Íncubos 2

Este está dormindo.

Caiu no sono assim que encostou a orelha no travesseiro. Estava cansado. Ele está cansado.

Deitado de lado, um braço sobre o corpo da mulher, ele no entanto não tem a aparência que aparentemente deveria aparentar. Se tudo está tão bem, se o dia foi tão bom, se ele está tão cansado e tão realizado que caiu imediatamente no sono, no sono dos justos, por que essa cara travada?

Mas deve ser só impressão. Muito pouca luz aqui no quarto. A cortina, apesar do que a mulher dele insiste em repetir, deixa entrar muito pouca luz. Muito difícil ver no escuro. E está sempre escuro, senão por que é que a gente ia precisar de luz?

Ela dormiu também. E dormiu rápido, apesar da sua impressão de que nunca mais ia conseguir dormir, de que a noite ia ser longuíssima. Mas vai ser essa impressão que ela vai guardar. E seria essa impressão, de que foi de fato uma noite longuíssima em que ela mal conseguiu pegar no sono, que ela comunicaria a qualquer amiga amanhã, se fosse dessas de falar qualquer coisa com qualquer amiga. Que amiga? Ela não é dessas. Dessas amigas.

Dormiu rápido. Dormiram os dois.

“O sono dos justos.”

Ninguém aqui é justo. Mas os dois dormem que é uma beleza.

A cara travada dele, se é que tem uma cara travada ali, deve ser por coisas que ele nem sabe. Que lhe travam a cara. Se é que travam.

Ela dorme o sono dos justos apesar de tudo. Três meses já com isso!

Já ele, vejamos. (E está lá, sim, a cara travada.)

Ele dorme o sono dos justos apesar de toda a satisfação, de toda a empolgação

que a assinatura do contrato com os mineiros lhe tinha causado ainda naquela tarde, depois de todo aquele tempo pensando meio que só naquilo, a coitada da mulher dele nem devia mais aguentar ouvir ele só falar daquilo nos últimos três meses, ele estava uma pilha, mas agora não, depois que assinou foi só alegria, teve até festa no escritório, a maior empolgação mesmo, bem que bem ele contou pra Lúcia quando chegou em casa, e ela nem deu muita bola, ele até pensou que era meio sacanagem dela isso mas aí lembrou também que dava do mesmo jeito pra pensar que era sacanagem dele ficar esperando que ela estivesse com o mesmo tipo de satisfação que ele tinha, mesmo tendo ouvido ele ficar falando disso meses e meses a fio, ou talvez até por isso, sacanagem dele, mas mesmo assim ele dorme, dorme que nem um anjinho de cara feia, um anjo feio, um anjo do escuro, porque a cortina aqui afinal deixa o quarto escuro mesmo, dorme o sono dos anjos justos apesar de todos os sentimentos algo contrastantes que tem em relação ao André, por achar que ele subiu rápido demais ali na firma depois de ter sido apresentado por ele ao pessoal da empresa, dois, três anos atrás, meio de favor em nome dos velhos tempos, da faculdade, apesar que fazia anos que ele nem tinha mais visto o André, e que eles nem se falavam tanto assim lá na facu, o André já era, se você para pra pensar, o André já meio que era um cara esquisitão, se você parar pra pensar, mas era competente, foi uma boa aquisição, todo mundo falou, e aí de repente, não mais que de repente, ele era mais importante e mais boa-aquisição que todo mundo, e virou chefe da seção em coisa de meses, parecia meses, podia ser mais, mas parecia assim, em coisa de meses, em

questão de meses, e claro que a firma andou bem, como ele mesmo dizia, o André, andou, cresceu, contratou mais gente, se você parar pra pensar esse pessoalzinho novo, do Tiago pra frente, meio que devia o emprego a ele, afinal foi só por causa do crescimento que eles entraram, e o crescimento foi só por causa do André, e o André só foi por causa dele, só veio por causa dele, por indicação dele, dele que devia, pelas contas de todo mundo lá atrás, dele que devia ser chefe da seção a essa altura, tinha tempo já, que tinha tempo, que tinha bem mais tempo de empresa que todo mundo ali, que era da casa, que tinha crescido com a empresa, crescido pouco, é verdade, antes do André, mas se até o André era contribuição dele, ora, ele acabou perdendo o posto, perdendo a promoção pra um cara que só ao ter sido contratado, por sugestão dele, por contribuição dele, provava que ele era o cara certo para tomar decisões ali, pra contratar pessoas, pra contribuir, se o André era melhor que ele, tudo bem que ele não tinha mulher, não tinha essas pressões de horário de estar em casa, podia trabalhar de noite, aí grande surpresa que ele era mais produtivo, mas se o André era melhor que ele, ainda mais com isso de ser solteiro, isso de ser solteiro era que era a diferença, o cara tinha tanto tempo de sobra, de noite, que ele acabava até conseguindo sempre esticar mais a hora do almoço, voltava às vezes quase no meio da tarde já nos últimos meses, e com a maior cara de satisfeito, descansadão mesmo, porque ele dava conta do trabalho era tudo de noite, mas se ele era melhor que ele, se o André era melhor que ele, afinal, isso não era exatamente a prova de que era ele que devia ser o chefe?

Íncubos (três)

Nossa.

Fazia tanto tempo.

E foi ela que quis. Foi ela quem tomou a iniciativa.

Primeiro sem nem querer. Dormindo mesmo. Pôs a mão nele, deve ter sido na barriga. E quando viu, quando se deu conta... Ele dormindo ainda.

E começou a mexer. Bem devagarinho porque não sabia se queria que ele acordasse. Ela não queria acordar. Aquilo nem era de verdade. Mas começou a mexer. E começou a gostar.

E se encostou mais nele, que estava enorme. Que era um homem enorme, e ela se encolheu e meio que desapareceu do lado dele. Como que à sombra dele.

E cheiroso.

E foi quando ela quis. Foi quando ela tomou a iniciativa, foi quando tudo começou a ficar indizivelmente bom. Indizivelmente bom de novo, como antes, como sempre, como era para ser, para sempre.

Foi aí que ela começou a emitir um grito baixo. Prazer. Que cresceu aos poucos.

RESENHAS

DIVULGAÇÃO



De quanto o fantasma ainda não assustava

Em seu primeiro livro lançado no Brasil, Casas realiza fábula sobre as décadas de chumbo

Schneider Carpeggiani

Com curadoria do escritor Joca Reiners Terron, a série Otra Língua, da Editora Rocco, tem realizado um excelente trabalho em furar o bloqueio do nosso mercado editorial em relação à literatura contemporânea dos países vizinhos. Ano passado, por exemplo, lançou um dos títulos mais importantes da obra de César Aira (talvez o grande nome das letras argentinas hoje), *Como me tornei freira*, numa edição cuidadosa, que contou com prefácio de Sérgio Sant'Anna. O mais recente da série é outro argentino, Fabián Casas, 48 anos, com os contos de *Os Lemmings e outros*. Apesar de fazer parte do circuito dos autores mais cultuados do seu país, era até então um inédito desconhecido por aqui.

Casas gosta de tomar como ponto de referência da sua obra a virada entre as décadas de 1970 e 1980, quando a América Latina comungava uma história

comum de repressão política. Escolha parecida já havia sido feita pelo escritor chileno Alberto Fuguet em *Baixo astral*, romance que problematizou a forma como os adolescentes do seu país lidaram com a sombra de Pinochet. Num dos contos de *Os lemmings*, inclusive, um dos personagens toma uma decisão que seria bastante cara a Fuguet (o homem que ironizou o cânone do Boom com o manifesto McOndo): funda uma revista literária chamada *18 abutres*, voltada a radicalizar a experiência do texto, num processo de terrorismo e autoterrorismo.

“A ditadura foi a disco music. Estava no lugar errado no momento errado. E se não, vejame: no meu quarto. Acabo de voltar do cine Lara, na avenida de Mayo. Venho de assistir a *The song remains the same*, do Led Zeppelin. Todos os sábados via com meus amigos esse mesmo filme. Na sessão

coruja. Mal terminava, eu pegava o ônibus para chegar rápido em casa e trocar de roupa”, narra, ironicamente, o personagem do conto *Os Lemmings*, nos situando logo no primeiro parágrafo onde estamos e o quê “ouviremos” dali para frente no livro.

Esse jeito de Casas de aproximar a linguagem do personagem com o contexto histórico acabou lhe rendendo inúmeras comparações com o clássico *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger. É compreensível. O personagem Holden Caulfield simbolizava em sua forma de falar e no seu comportamento a necessária rebeldia contra o conformismo do Pós-Guerra. Casas, assim como Fuguet um dia, imaginou essa virada entre as décadas como uma espécie de tempo suspenso, em que o clima político pairava como um fantasma, ainda que não tão amedrontador assim, em meio aos mais jovens.

É justamente esse fantasma político, que só será compreendido anos depois pelos personagens, que aciona o mecanismo que dá força à obra de Casas (e também à de muitos autores latino-americanos contemporâneos): o processo de criar uma lembrança ficcional para compreender uma memória real já esmaecida.



CONTOS

Os Lemmings e outros

Autora - Fabián Casas

Editora - Rocco

Preço - R\$ 29,50

Páginas - 158

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

MOSTRAPE

Temporada de 2014 tem programação definida até novembro com mais de 20 eventos

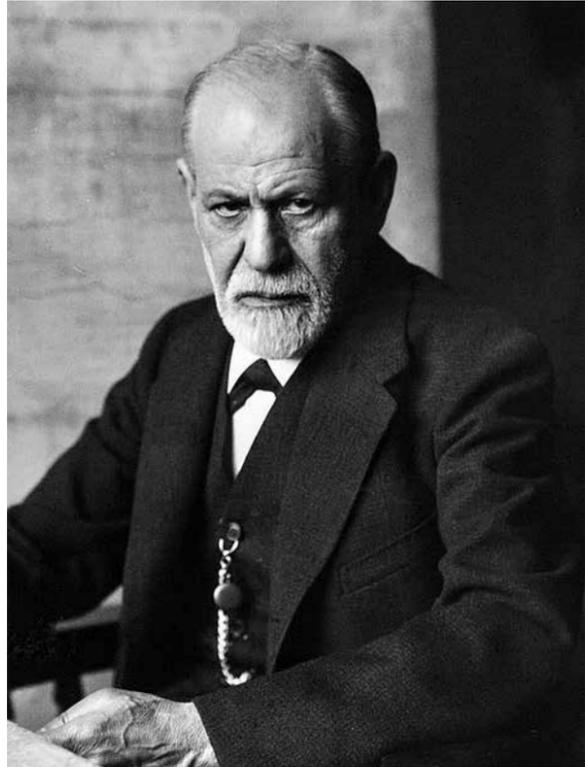
A produtora Nós Pós, que iniciou em 2012 a *MostraPE*, visando a promoção de jovens escritores pernambucanos, definiu mais de 20 eventos para 2014, incluindo *jam sessions* literárias, recitais, lançamentos de livros, debates, contação de histórias e outros agitos, que começaram com a participação no *Janeiro de Grandes Espetáculos*. Em fevereiro o projeto apresenta na Livraria

Cultura, dia 20, às 19h, o espetáculo *Alfarábio*, inspirado no livro homônimo do escritor e músico performático Pierre Tenório (foto), de Belo Jardim, que será lançado junto com *Útero de retratos mundanos*, de David Henrique. A *MostraPE* tem apoio da União Brasileira dos Escritores - Secção PE, Livraria Cultura e Espaço Pasárgada e incentivo do Funcultura.

REPRODUÇÃO



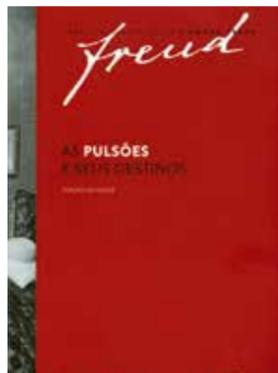
REPRODUÇÃO



Sobre as pulsões

A Companhia das Letras tem realizado um ótimo trabalho em publicar a obra completa de Sigmund Freud, com nova tradução. A Editora Autêntica também tem se empenhado em trazer de volta para às livrarias o trabalho do pai da psicanálise, com tradução de Pedro Heliodoro Tavares. O mais recente é *As pulsões e seus destinos*. Nesse texto, Freud apresenta o conceito de pulsão, que está na base dos processos que determinam os modos como amamos, desejamos, sofremos. Nele assistimos a um esforço obstinado de sistematização desse “conceito fundamental”. Tão ou mais fundamental do que o próprio inconsciente, a pulsão é um “conceito fronteiriço”, situado entre o corpo e o aparelho psíquico. Essa é a primeira vez que a obra é lançada no Brasil

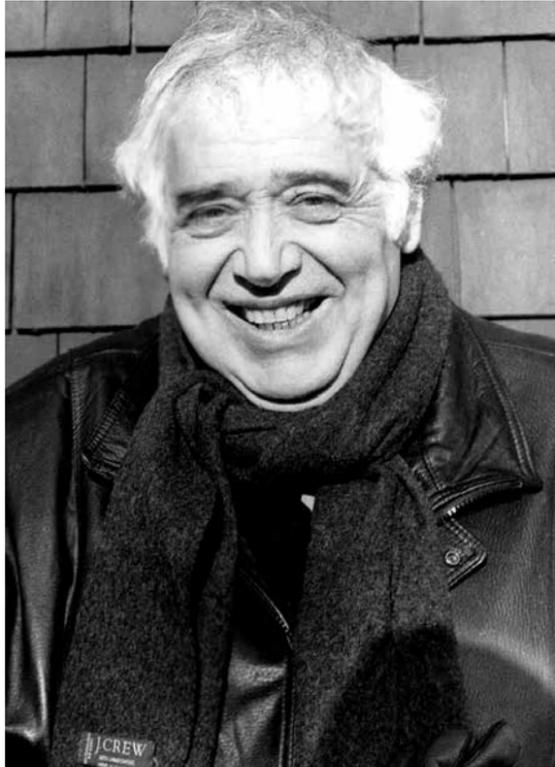
em edição bilíngue, acrescida de notas de tradução e de três ensaios. O lançamento faz parte da coleção Obras incompletas de Sigmund Freud – segundo o release do projeto: “um convite para que o leitor desconfie do caráter apaziguador que o adjetivo ‘completas’ comporta”.



PSICANÁLISE

As pulsões e seus destinos
Autor - Sigmund Freud
Editora - Companhia das Letras
Preço - R\$ 34,90
Páginas - 168

DIVULGAÇÃO



Influência persistente

Com essa obra, Harold Bloom pretende deixar o seu legado definitivo sobre a criação literária. Desde que publicou *A angústia da influência*, nos anos 1970, o conceito de influência literária tornou-se a verdadeira obsessão de seu trabalho. Nele, o crítico literário contemporâneo mais reconhecido da atualidade jogava por terra décadas de ideias preconcebidas ao mostrar que as grandes obras da literatura não surgem completamente formadas, mas por meio de um processo de intensa luta com aquelas que as precederam.

Ampliando e revisando sua análise anterior para as novas gerações de leitores, o autor apresenta sua mais ambiciosa e acessível análise sobre por que esta feroz competição fornece a chave

para a compreensão e apreciação da literatura. O que significa um poema, por que ele é importante e se merece ou não ser incluído no cânone da literatura, deixando outros de fora? São perguntas que só podem ser respondidas se investigarmos como a obra superou ou não os seus rivais.



ENSAIO

A anatomia da influência
Autor - Harold Bloom
Editora - Objetiva
Preço - R\$ 49,90
Páginas - 456

PRATELEIRA

HORAS ITALIANAS

Publicada originalmente em 1909, nos Estados Unidos, a obra chega pela primeira vez ao Brasil, com tradução de Júlio Castañon Guimarães. Dividida em oito partes, traz o relato das quatorze viagens do autor à Itália, país pelo qual era apaixonado, em textos descritivos, carregados de metáforas que estimulam a imaginação do leitor, com destaque para observações sobre a organização social e a arquitetura das cidades.



Autor: Henry James
Editora: Autêntica
Páginas: 192
Preço: R\$ 39,90

O GUARDIÃO DAS FLORESTAS

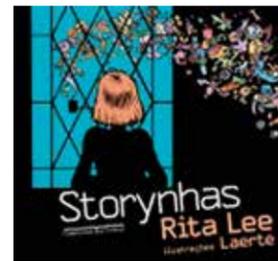
Destinado a crianças em vias de concluir o ensino fundamental, o livro conta a história da menina Jaciara, cuja vida muda de rumo quando ela vive uma aventura na Floresta Amazônica, onde seu tio Jari revela o dom de conversar com os animais. Os dois, com a ajuda do Curupira e outros entes do folclore brasileiro, buscam maneiras de defender a floresta de pessoas ambiciosas, que só querem explorar suas riquezas naturais.



Autor: Maria Cristina Furtado
Editora: Editora do Brasil
Páginas: 48
Preço: R\$ 34,90

STORYNHAS

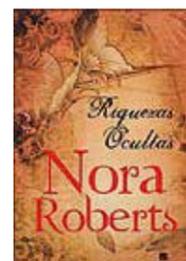
O conhecido humor da cantora e compositora Rita Lee chega aos leitores através de narrativas leves, biográficas, ilustradas pelo cartunista Laerte. São histórias cômicas ou melancólicas, críticas ferrenhas ou simpáticas, muitas delas já publicadas em sua página no Twitter. A primeira incursão de Rita Lee em livro marca sua parceria com o não menos icônico Laerte, numa obra surpreendente e divertida, anarquicamente filosófica.



Autor: Rita Lee
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 96
Preço: R\$ 33,00

RIQUEZAS OCULTAS

Suspense e mistério, ingredientes comuns à obra da autora, são apresentados generosamente neste romance, em que a dona de um antiquário, Dora Conroy, se vê às voltas com bandidos que mascaram objetos preciosos em peças sem valor, vendidas em leilão. Com seu vizinho Jed Simmons, ex-policial, a antiquária vai combater uma gangue das mais violentas, que não hesita em assassinar aquele que cometer qualquer erro.



Autor: Nora Roberts
Editora: Record
das Letras
Páginas: 518
Preço: R\$ 45,00

MOSTRAPE 2

Literatura infantil também será promovida

A terceira edição da MostraPE tem vários lançamentos de livros programados, sempre com acompanhamento de performances poéticas e musicais, como *Tempo nublado no céu da boca* (março), de Cleiton Cabral, e *Digitais* (em abril) do poeta Malungo. Como principal novidade, passará a incluir a promoção da literatura infantil, com eventos voltados para escritores e para o público.

PRÉ-AMP

Festival dá visibilidade a músicos, artistas e bandas

Dezoito novas bandas pernambucanas vão concorrer no *Festival Pré-AMP*, na Rua da Moeda, de 14 a 16 de fevereiro. Duas bandas por dia serão escolhidas, uma pela comissão eleita pela Articulação Musical Pernambucana e a Secretaria de Cultura do Recife, e outra por voto popular. Seis grupos disputarão a final no dia 23. Os prêmios incluem apresentações no Carnaval e no FIG.

PRÊMIO LITERÁRIO

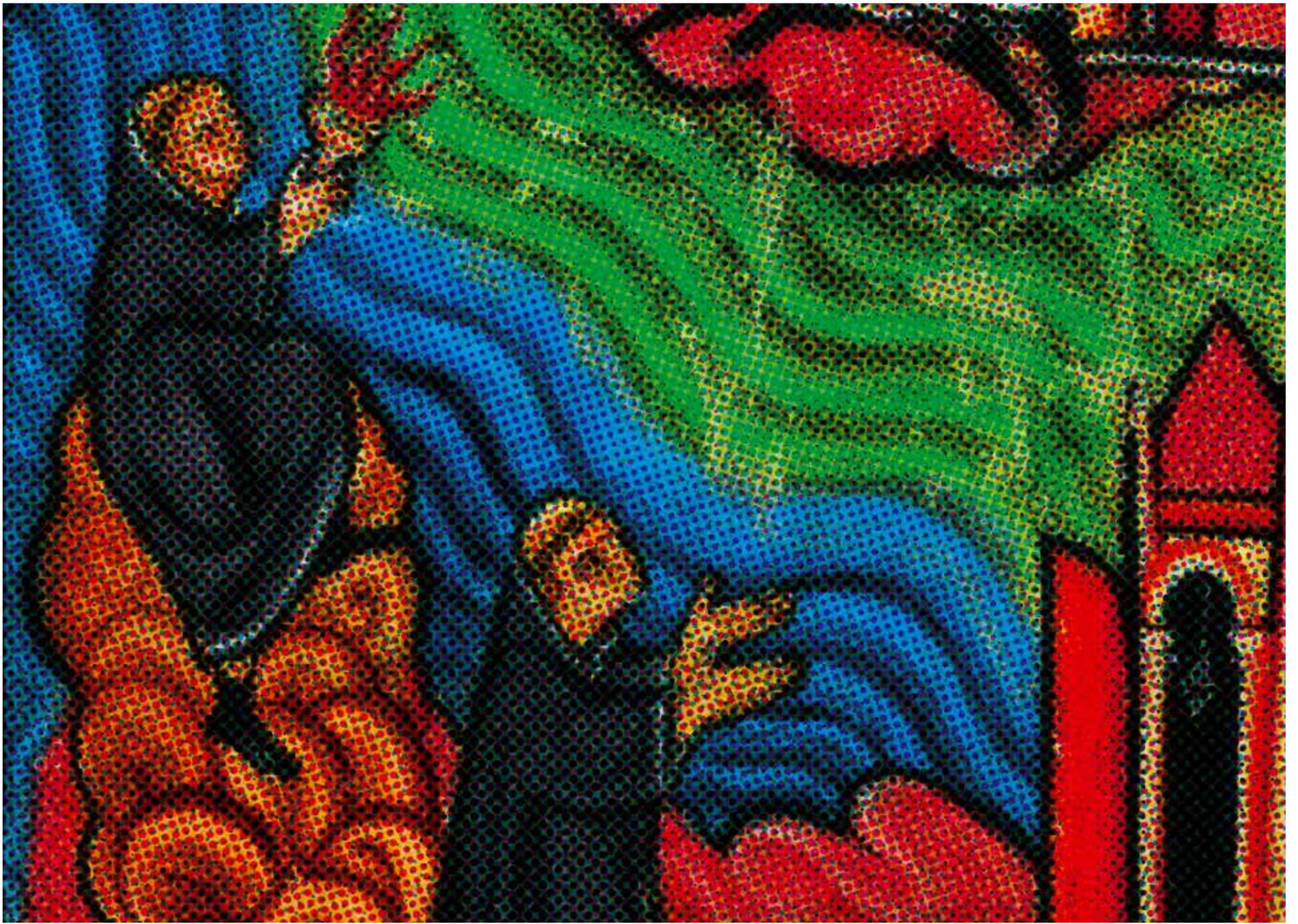
Cepe Editora publica vencedores

Estão abertas até 2 de março as inscrições ao 2º Prêmio Pernambuco de Literatura, numa promoção da Fundarpe e Cepe. O objetivo é estimular a produção literária nas macrorregiões (RMR, Mata, Agreste e Sertão). Os vencedores disputam prêmios de até R\$ 20 mil e serão publicados pela Cepe Editora, com tiragens de mil exemplares.

CRÔNICA

Diego Raphael

REPRODUÇÃO



A tradução que é um milagre

Dentre os autores ditos “clássicos”, Geoffrey Chaucer (1343 – 1400) é muito provavelmente o menos conhecido do leitor comum. Os motivos são variados: suas obras, numerosas, desiguais e até certo ponto informes, seriam excessivamente datadas, tornando-se desse modo desinteressantes para o homem moderno. Para piorar, estariam escritas em *middle english*, um inglês arcaico e pouco compreensível pela maioria. Além disso, muitas delas restariam inconclusas.

É este o caso de sua obra-prima, *Contos da Cantuária* (*The Canterbury Tales*), cujo projeto só foi interrompido pela morte de seu autor. De 1386/1387 até 1400, Chaucer trabalhou arduamente no livro, cujo enredo consta de uma romaria composta por 29 peregrinos – 30 se contarmos o próprio Chaucer – que se dirigem piedosamente ao túmulo de Santo Tomás Beckett. O dono da estalagem em que os peregrinos se reúnem lhes sugere então que, para se distraírem na viagem, cada qual narre duas histórias na ida e duas na volta. Como prêmio, o contador da melhor história seria agraciado com um jantar em seu estabelecimento.

Com esse projeto simples porém ambicioso, Chaucer conseguiu agregar a estrutura modular de duas das obras literárias mais ilustres e célebres de seu tempo: 1) a ideia da peregrinação, extraída da *Commedia*, de Dante; e 2) a contação de histórias, extraída, por suas vez, do *Decameron*, de Boccaccio. O ingrediente particular de Chaucer consistiria em reunir num único quadro personagens das mais variadas castas sociais, cada qual com seus valores, visões de mundo e linguagens particulares, coisa que nenhum outro autor o fez com tamanha precisão.

Em outras palavras, embora inconclusos – mas que por habilidade do autor não passa essa impressão, talvez porque, prevendo não ter o tempo necessário de concluí-los, tenha escrito um início, meio e fim muito bem delimitados –, *Contos da Cantuária* são uma das obras mais ricas de toda a literatura universal, e traduzi-la, tal como o fez o gaúcho José Francisco Botelho, não nos parece, de fato, outra coisa senão o que Ivan Junqueira, em carta particular ao tradutor, chamou de “milagre”.

Correto, Botelho não foi o primeiro a traduzir em língua portuguesa a íntegra de *Contos da Cantuária*. Tratando especificamente do Brasil, não poderíamos deixar de citar a tradução de Paulo Vizioli, levada a cabo nos finais dos anos 1980 e publicada pela T.A. Queiroz. Mas, por motivos no mínimo duvidosos, Vizioli, amplamente capaz de vertê-los em verso, preferiu fazê-lo em prosa, perdendo, com isso, todo o vigor poético de Chaucer. Botelho, por sua vez, seguiu o bom figurino tradutório, transladando verso onde há verso e prosa onde há prosa.

Mais do que isso, conseguiu manter o frescor métrico e rímico do original, graças a artilharias típicas do bom tradutor. Citamos duas delas, apontadas pelo próprio Botelho em entrevista gentilmente a nós concedida: a “declinação” de versos e o uso certo da rima toante. Sobre a primeira, afirmou: “Querida produzir um texto de leitura extremamente fluente, que mesclasse o aspecto narrativo ao aspecto poético, de forma orgânica e indolor. Minha opção foi cometer um pecadilho: produzir uma tradução com mais versos que o original. Isso era possível em Chaucer sem grandes traumas, pois a maior parte da obra é em ‘riding rhyme’, ou seja, *couplets*, pares de versos que rimam

entre si. Assim, muitas vezes ‘declinei’ um par de versos, transformando-o em quatro versos; sacrifiquei o tamanho do texto, mas mantive por meio desse sacrifício a métrica, o conteúdo e a fluência da leitura”.

Sobre a segunda, explicou: “Outra decisão importante foi incorporar à tradução o uso da rima toante, que é um tipo de rima muito musical, e não por acaso tão utilizada na música popular e na poesia oral. Além disso, é a rima dos trovadores ibéricos, também usada extensamente por Calderón de La Barca e outros do Século de Ouro. A rima toante, de certa forma, quebra a rigidez do verso, libera o potencial melódico da língua, despertando ressonâncias inesperadas em palavras que, num esquema mais sisudo, não rimariam; ela faz o idioma esvoaçar”.

Questionado, por fim, sobre o motivo por qual o leitor moderno deveria ler Chaucer e as mais de 600 páginas dos *Contos da Cantuária*, cravou: “Penso nesses textos como uma espécie de flecha que o passado disparou em nossa direção. Podemos ver de onde ela veio, pelo trajeto que ela percorre; mas ela já não faz parte do passado, está no tempo presente e, de certa forma, nos transpassa; mas também não se detém aqui, em nós, porque a mira estava voltada para o infinito”. E assim é, de fato.

O LIVRO



Contos da Cantuária
 Editora Cia das Letras
 Páginas 680
 Preço R\$ 54